



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília
Departamento de Ciência da Informação Curso
de Biblioteconomia

NICOLE HELOISA MONTEIRO

SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA ASIÁTICOS: aspectos
históricos, estruturais e socioculturais

MARÍLIA
2025

NICOLE HELOISA MONTEIRO

**SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA ASIÁTICOS: aspectos
históricos, estruturais e socioculturais**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Conselho de Curso de
Biblioteconomia da Faculdade de Filosofia e
Ciências, da Universidade Estadual Paulista –
UNESP – Campus de Marília, para a obtenção
do título Bacharel em Biblioteconomia.

Linha de Pesquisa: Produção e Organização da
Informação.

Orientador: Prof. Dr.º Walter Moreira.

MARÍLIA
2025

M775s

Monteiro, Nicole Heloisa

SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA ASIÁTICOS : Aspectos históricos, estruturais e socioculturais / Nicole Heloisa Monteiro. -- Marília, 2026
58 p.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Biblioteconomia) -
Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências,
Marília

Orientador: Walter Moreira

1. Sistemas de Classificação Bibliográficos. 2. Sistema de Classificação Asiáticos. 3. Classificação Decimal Coreana. 4. Classificação Decimal Nipônica. 5. Sistemas de Classificação Bibliográfica Chineses. I. Título.

NICOLE HELOISA MONTEIRO

SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA ASIÁTICOS: aspectos
históricos, estruturais e socioculturais

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de
Biblioteconomia da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual
Paulista – UNESP – Campus de Marília, para a obtenção do título Bacharel em
Biblioteconomia

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Walter Moreira

Universidade Estadual Paulista (UNESP) - Câmpus de Marília - SP

2º Examinador: Dra. Daniela Pereira dos Reis

Universidade Estadual Paulista (UNESP) - Câmpus de Marília - SP

3º Examinador: Dra. Luciana Davanzo Tonezer

Universidade Estadual Paulista (UNESP) - Câmpus de Marília - SP

Marília, 10 de dezembro de 2025.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me amparar em todos os momentos nesse longo caminho e me ajudar nos momentos de aflição. Agradeço aos meus pais e toda minha família pelo suporte e o incentivo à leitura e aos estudos que me deram desde sempre, permitindo que eu tenha chegado até aqui.

Agradeço ao meu orientador Walter Moreira por ter me aceitado nessa jornada e me incentivado à pesquisa, por todo o apoio e orientações tão importantes e valiosas. Agradeço ao PET Biblioteconomia pelas experiências incríveis e divertidas que tivemos. Agradeço ao grupo de pesquisa GEORC pelas reuniões e pelas trocas de conhecimentos.

Agradeço a Universidade por me proporcionar momentos bons e valiosos para a minha vida profissional. Agradeço também ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento desta pesquisa durante os anos (Processo: 136917/2024-0).

Agradeço a minha banca, Luciana, Franciele e Daniela pelos conselhos e pela ajuda na elaboração deste trabalho. Agradeço aos meus professores pelas aulas e pelos ensinamentos durante os anos. Agradeço às minhas colegas de turma Ana, Giovanna, Isabela e Valéria por todos os momentos que tivemos juntas, vocês foram muito especiais para mim.

E por fim, agradeço aos meus bichinhos Chico, Hope, Jade, Mingau, Nina e Pingo, e especialmente a Mimi, minha gatinha que está comigo durante toda a minha trajetória escolar e acadêmica, sempre ao meu lado durante os dias e as noites de estudo <3.

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo explorar classificações bibliográficas de origem asiática, pouco vistas na literatura científica ocidental. A China, Japão e Coreia do Sul possuem sistemas de classificação próprios, desenvolvidos de forma que se adequem ao contexto de suas bibliotecas e suas coleções, uma vez que o uso da CDD ou outro sistema ocidental é ineficaz a outros contextos culturais. Busca-se, neste estudo, explorar os sistemas de classificação do Leste Asiático e analisar o que a literatura ocidental diz a respeito; discutir o aspecto da representação documentária pela perspectiva sociocultural; aprofundar o conhecimento sobre os sistemas asiáticos em termos de sua história, estrutura e de sua aplicação; analisar aspectos da cultura asiática na CDD; sistematizar as possibilidades de representação de aspectos específicos da cultura asiática com o uso das classificações asiáticas. Para alcançar os objetivos propostos, foi aplicado o método de análise de conteúdo de Bardin (2003) na bibliografia recolhida no periódico *Knowledge Organization* entre os anos de 2000-2024 e uma exploração sistemática das classes principais e subdivisões da CDD. Os resultados obtidos demonstram que sistemas internacionalmente consolidados, como a CDD, são ineficazes aos assuntos correspondentes ao Oriente, sendo assim, as classificações nacionais buscaram adaptar esses sistemas ao seu contexto, priorizando questões culturais de suas próprias nações.

PALAVRAS-CHAVE Sistemas de Classificação Bibliográficos. Sistema de Classificação Asiáticos. Sistemas de Classificação Decimal. Classificação Decimal Coreana. Classificação Decimal Nipônica. Classificação das Bibliotecas Chinesas. Sistemas de Classificação Bibliográfica Chineses.

ABSTRACT

This research aims to explore bibliographic classifications of Asian origin, which are rarely seen in Western scientific literature. China, Japan, and South Korea have their own classification systems, developed to suit the context of their libraries and collections, since the use of the Dewey Decimal Classification (DDC) or other Western systems is ineffective in other cultural contexts. This study seeks to explore East Asian classification systems and analyze what Western literature says about them; discuss the aspect of documentary representation from a sociocultural perspective; deepen knowledge about Asian systems in terms of their history, structure, and application; analyze aspects of Asian culture in the DDC; and systematize the possibilities of representing specific aspects of Asian culture using Asian classifications. To achieve the proposed objectives, Bardin's (2003) content analysis method was applied to the bibliography collected from the journal Knowledge Organization between 2000-2024, along with a systematic exploration of the main classes and subdivisions of the DDC. The results obtained demonstrate that internationally consolidated systems, such as the Dewey Decimal Classification (DDC), are ineffective for matters pertaining to the East. Therefore, national classifications have sought to adapt these systems to their context, prioritizing cultural issues specific to their own nations.

KEYWORDS: Bibliographic Classification Systems. Asian Classification Systems. Decimal Classification Systems. Korean Decimal Classification. Nippon Decimal Classification. Chinese Library Classification. Chinese Bibliographic Classification Systems.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Sumário da KDC 6	25
Quadro 2 - Classes principais da NDC 10	27
Quadro 3 - Artigos selecionados na KO	31
Quadro 4 - Categorização dos temas	32
Quadro 5 - Breve histórico da KDC	35
Quadro 6 - Divisões da Religião na 4ª edição da KDC	39
Quadro 7 - Tabela de religião da KDC 4ª edição	40
Quadro 8 - Comparação das classes principais	41
Quadro 9 - Classificação da Biblioteca Chinesa: cinco grupos principais e 22 classes principais	42
Quadro 10 - Primeira classe da CLC	47
Quadro 11 - Relação de regiões na classe principal 400 Linguagens	49

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AACR2	Anglo-american Cataloguing Rules 2 ed.
CBDC	Classificação Chinesa de Livros e Documentos
CC	Classificação de Dois Pontos
CCL	New Classification Scheme for Chinese Libraries
CCT	Classificação de Tesouros Chinesa
CDD	Classificação Decimal de Dewey
CDU	Classificação Decimal Universal
CIE	Civil Information and Educational Section
CLC	Classificação das Bibliotecas Chinesas
EC	Classificação Expansiva
ISKO	International Society of Knowledge Organization
JLA	Associação Japonesa de Bibliotecas
KDC	Classificação Decimal Coreana
KDCP	Korean Decimal Classification de Park
KLA	Associação Coreana de Bibliotecas
KO	Knowledge Organization
KOS	Knowledge Organization Systems
LCC	Classificação da Biblioteca do Congresso
MRDF	Machine-Readable Data File
MSLC	Draft of Medium and Small Library Classification
NDC	Classificação Decimal Nipônica
OCLC	Online Computer Library Center
SC	Classificação de Assuntos
SOC	Sistemas de organização do conhecimento

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 PROBLEMAS E OBJETIVOS	11
2.1 Justificativa	12
3 ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO E DO CONHECIMENTO	14
4 SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA	18
4.1 Classificação Decimal de Dewey	22
4.2 Sistema de Classificação Coreano	24
4.3 Sistema de Classificação Nipônica	27
4.4 Classificações de Bibliotecas Chinesas	28
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	30
6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	35
6.1 Histórico de desenvolvimento	35
6.2 Estrutura dos sistemas	39
6.3 Aplicabilidade do sistema	44
6.4 A cultura asiática na CDD	47
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	53

1 INTRODUÇÃO

Um sistema de organização do conhecimento pode ser entendido como um produto sociocultural, formado a partir do contexto que está inserido. A maneira com que sistemas de classificação são desenvolvidos e utilizados podem ser culturalmente influenciados (Choi, 2018).

Entre os sistemas de classificação atualmente em uso, a Classificação Decimal de Dewey (CDD) encontra-se como a mais conhecida e aplicada nas bibliotecas mundialmente. Juntamente à CDD, a Classificação Decimal Universal (CDU), a Classificação da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos (LCC) e a Classificação de Dois Pontos, são aqueles mais citados na literatura (Carlan, 2010, p. 57).

Entretanto, ainda que tais sistemas sejam amplamente utilizados nas bibliotecas, percebe-se que há situações em que eles não cumprem com seu objetivo, ou seja, não conseguem organizar e representar documentos de maneira adequada para que possam ser recuperados posteriormente. Tal situação leva algumas unidades a desenvolverem seus próprios sistemas de classificação a fim de atenderem necessidades locais que a CDD ou CDU, ou demais sistemas já existentes não contemplam (Choi, 2018). Pode-se tomar como exemplo a situação descrita nas bibliotecas sul-coreanas, em que mesmo que a Coreia do Sul tenha adequado suas unidades de informação e educacionais aos moldes estadunidenses, os bibliotecários apresentaram dificuldades em utilizar a CDD, pois necessidades específicas e locais do país não eram consideradas.

O acontecimento levou à criação de um sistema próprio, um sistema que conseguisse por fim atender às demandas que existem no contexto sociocultural coreano. Não apenas a Coreia do Sul desenvolveu um sistema nacional, observamos a criação de outros esquemas para diversas regiões e povos específicos. Porém, pouco é citado na literatura desses sistemas, principalmente na literatura ocidental. Entre os sistemas nacionais pouco mencionados nesta literatura encontram-se os sistemas de classificação asiáticos, como a já mencionada classificação coreana, a classificação japonesa e a classificação chinesa.

Portanto, nesta pesquisa busca-se explorar as classificações bibliográficas de países do Leste Asiático, de modo mais específico nesta proposta, a Classificação Decimal Coreana (KDC), a Classificação Decimal Nipônica (NDC) e classificações

chinesas, as quais serão analisadas em termos de seus contextos, suas estruturas e seus impactos nas bibliotecas de seus respectivos países.

2 PROBLEMAS E OBJETIVOS

Observa-se que os sistemas de classificação bibliográfica mais influentes em bibliotecas pelo mundo possuem raízes na cultura ocidental. Foram elaborados com o objetivo de organizar o conhecimento de forma sistemática para a recuperação da informação contida em documentos, mas possuem uma visão cultural limitada, resultando que determinados usuários pertencentes a uma cultura específica não sejam capazes de utilizar plenamente o sistema (Choi, 2018). Assim, o tratamento temático da informação em bibliotecas irá requerer adaptações nesses sistemas para que seja possível atender às suas próprias necessidades.

Não são abordadas com muita frequência na literatura da biblioteconomia a da ciência da informação outros tipos de classificação nacionais, além disso, pesquisas e materiais permanecem disseminados apenas em seus países de origem (Oh, 2021). Em seu artigo *Korean Decimal Classification (KDC): Its History, Development, Characteristics, and Future Prospect*, Oh (2021) apresenta alguns sistemas nacionais, culturais e étnicos, poucos mencionados na literatura ocidental.

Assim como mencionado, países asiáticos também se encaixam como aqueles que possuem sistemas próprios, uma vez que as suas bibliotecas possuem histórias e influência derivados de contextos culturais diferentes daqueles que levaram à elaboração da CDD. Citando o caso das bibliotecas sul-coreanas, observa-se a tentativa de incluir a classificação de Dewey quando, Oh e Yeo em seu artigo *Suggesting an Option for DDC Class Religion (200) for Nations in which Religious Diversity Predominates* (2001), sugeriram mudanças na classe de Religião (200) a fim de incluir religiões originárias da Ásia, devido à maior diversidade religiosa na Coreia, demonstrando assim as diferenças culturais.

Muitas das classificações nacionais encontram dificuldades em perdurar nas bibliotecas e, conseqüentemente, são substituídas por sistemas internacionais consolidados. Entretanto, observa-se que alguns sistemas de classificação desenvolvidos em outros países ainda são utilizados, como na Coreia do Sul, sendo ele possivelmente um dos mais bem-sucedidos (Oh, 2021).

Diante desse contexto, coloca-se como problema de pesquisa: quais são os sistemas de classificação bibliográfica do Leste Asiático? O que a literatura ocidental diz a respeito dos sistemas de classificação asiáticos? Quais os tópicos abordados no Ocidente sobre os sistemas de classificação asiáticos? Qual a relevância da criação e manutenção de sistemas de classificação nacionais?

Desse modo, esta pesquisa tem como objetivo geral examinar a influência sociocultural nos sistemas de classificação bibliográfica, visando compreender a representação de certas questões socioculturais do Leste Asiático por meio da Classificação Decimal de Dewey (CDD) e observar as possibilidades oferecidas pela *Korean Decimal Classification* (KDC), pela *Nippon Decimal Classification* (NDC) e por algumas classificações chinesas, a partir da literatura produzida no Ocidente.

Assim, para alcançar o objetivo geral da pesquisa, foram considerados os seguintes objetivos específicos:

- a. discutir o aspecto da representação documentária pela perspectiva sociocultural;
- b. aprofundar o conhecimento sobre a *Korean Decimal Classification* (KDC), sobre a *Nippon Decimal Classification* (NDC) e sobre classificações chinesas em termos de suas histórias, suas estruturas e suas aplicações;
- c. analisar aspectos da cultura asiática conforme sua representação na CDD;
- d. sistematizar as possibilidades de representação de aspectos específicos da cultura asiática com o uso da *Korean Decimal Classification* (KDC), da *Nippon Decimal Classification* (NDC) e das classificações chinesas.

2.1 Justificativa

Sistemas de classificação bibliográfica foram desenvolvidos com o propósito de organizar acervos para facilitar o acesso à informação. Entretanto, percebe-se que alguns desafios éticos surgem com a adoção desses esquemas de classificação, isso porque tais sistemas exportam pressupostos culturais que afetam determinadas culturas, como observado na CDD (Lee, 2015).

Realizando uma breve busca nas principais bases de dados utilizadas na área da biblioteconomia e da ciência da informação, como a *Web of Science* e

Scopus, tem-se que grande parte da documentação recuperada sobre sistemas de classificação bibliográfica é baseada nos sistemas de Dewey e de Otlet e La Fontaine. Pouco se encontra na literatura sobre classificações de outras culturas e povos.

Portanto, considerando-se as necessidades de atualização dos profissionais bibliotecários, um estudo sobre outras formas de organização de acervos pode auxiliá-los nas atividades cotidianas nas bibliotecas. Os sistemas CDD e CDU são os mais utilizados em bibliotecas por todo o mundo (Silva; Araújo, 2014); mesmo sendo atualizados, entretanto, não é difícil perceber a dificuldade em adaptar as bibliotecas a um contexto ao qual elas não pertencem. Conhecer novos sistemas trará aos profissionais uma nova perspectiva sobre classificação e organização de acervos, visando as necessidades da comunidade.

Para a área da ciência da informação, torna-se importante conhecer pesquisadores vindos de outros países e de outras culturas, uma vez que entender novas teorias e conceituações pode levar a realização de colaboração científica entre esses pesquisadores. Balancieri (2005, p.1) apontam que “a colaboração científica pode ser um empreendimento cooperativo que envolve metas comuns, esforço coordenado e resultados ou produtos (trabalhos científicos) com responsabilidade e méritos compartilhados”.

Em especial na biblioteconomia, é importante a consciência sobre os estudos da área proveniente de outros países, principalmente aqueles fora do contexto ocidental, assim como ao conhecer novos sistemas oriundos de países pouco mencionados internacionalmente na literatura, pode provocar talvez, os pesquisadores a conhecer os demais sistemas nacionais existentes.

3 ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO E DO CONHECIMENTO

Dentre os serviços que as bibliotecas oferecem, destaca-se, nesta proposta, a organização do conhecimento como condição para o avanço na produção de novos conhecimentos e para o progresso da ciência, de modo geral.

Na ciência da informação, o ato de representar está relacionado a desenvolver maneiras de simbolizar a informação e o conhecimento (Alvares, 2012). Já o processo de organizar a informação está relacionado a possibilitar o acesso ao conhecimento disponível na informação (Brascher; Café, 2008).

Segundo Cunha e Cavalcanti (2008), o conhecimento é definido como a operação vital que tem por efeito fazer um objeto presente ao sentido ou à inteligência. Wilson (2006) o define como aquilo que sabemos, que envolve processos mentais de compreensão que passam na mente.

Por sua vez, a informação para Cunha e Cavalcanti (2008, p. 201), é:

1.1 Registro de um conhecimento que pode ser necessário a uma decisão. A expressão 'registro' inclui não só os documentos tipográficos, mas também os reprográficos, e quaisquer outros suscetíveis de serem armazenados visando sua utilização; 1.2 Informação, na sua definição mais ampla, é uma prova que sustenta ou apoia um fato.

Lima e Alvares (2012, p. 25) destacam que “a informação obtida por um indivíduo, para se transformar em conhecimento, dialoga com a sua cultura, seus valores e princípios, seu modo de ser e sua maneira de ver e compreender o mundo”. A informação é aquilo que faz parte do conhecimento. Le Coadic (2004), define a informação como um conhecimento registrado em um suporte, contendo um significado que é transmitido a um ser consciente.

Burke (*apud* Brascher; Café, 2008), entende que informação é aquilo relativamente prático e específico, enquanto o conhecimento representa aquilo que foi processado pelo pensamento. A informação obtida por alguém pode transformar-se em conhecimento ao dialogar com a cultura, valores e princípios dos indivíduos. Assim, o conhecimento torna-se algo passível de organizar e representar (Moreira, 2018).

Conclui-se, portanto, que o conhecimento se refere aos processos mentais de um sujeito, formados a partir de vivências, relações, percepções e experiências

enquanto indivíduo inserido na sociedade, enquanto a informação refere-se ao conhecimento que está registrado em suporte, contendo dados relevantes ao sujeito que recebe a informação.

Segundo Brascher e Café (2008), na ciência da informação, os termos “organização do conhecimento” e “organização da informação” são frequentemente abordados como sinônimos. A organização da informação refere-se, para Brascher e Café (2008) a um processo que visa descrever as características físicas de objetos informacionais. Consequentemente, seu produto é a representação da informação, ou seja, um conjunto de elementos que representam características de um objeto informacional específico. Segundo Lima (2015), na organização da informação ocorre o processo de representar o conteúdo de um documento específico, no qual se registra o conhecimento para que seja recuperado posteriormente.

Para Alvares (2012, p. 35), a organização da informação “é um processo de arranjo de acervos tradicionais ou eletrônicos realizado por meio da descrição de assunto de seus objetos informacionais”. A descrição física, por sua vez, se dá pelo processo de catalogação que irá representar o documento. Para isso utilizam-se as linguagens específicas, as normas para padronizar esse tipo de descrição, como a AACR2 (*Anglo-american Cataloguing Rules* 2. ed.) (Café; Sales, 2010).

Como destacado por Rowley (2002 *apud* Alvares e Lima, 2012) a informação é útil quando estruturada, tornando-se o principal objetivo da organização da informação fornecer o acesso à informação através de instrumentos de recuperação.

Assim, com a organização da informação, entende-se que a representação da informação se torna um “produto desse processo descritivo, entendida como um conjunto de elementos descritivos que representam os atributos de um objeto informacional específico” (Café; Sales, 2010, p. 188). Segundo Alvares e Lima (2012), essa representação mostra quais os dados úteis para identificar os produtores do seu contexto de produção e menciona de forma sucinta os conteúdos informacionais do documento.

Contudo, nesta pesquisa, a principal abordagem será direcionada ao campo da organização do conhecimento. Essa área é conceituada por García Marco (1997) como um espaço interdisciplinar em que diversos campos integram termos de

referências teóricas e metodológicas para que desenvolvam processos, produtos e instrumentos de organização do conhecimento.

O termo “organização do conhecimento” foi abordado pela primeira vez por Henry Evelyn Bliss em seus estudos “*The Organization of Knowledge and the System of Sciences*” (1929) e “*Organization of Knowledge in Libraries and subject Approach to Books*” (1933) (Lima, 2015).

Como área de estudo, a OC tem origem em 1989 com a criação da *International Society of Knowledge Organization* (ISKO). Posteriormente, foi desenvolvido o periódico *Knowledge Organization* (KO), com a missão de contribuir com o desenvolvimento de conhecimento sobre a teoria do conceito, classificação, indexação e representação do conhecimento (Lima, 2015).

Dahlberg (1993, p. 211) define organização do conhecimento como “a ciência que estrutura e organiza sistematicamente unidades do conhecimento (conceitos) segundo seus elementos de conhecimento (características) inerentes e a aplicação desses conceitos e classes de conceitos ordenados a objetos/assuntos”. Em 2006, Dahlberg utilizou esse termo como um conceito que compreende objetos e atividades da teoria do conceito, da classificação, da indexação e da representação do conhecimento (Dahlberg, 2006).

Hjørland (2008) conceitua a organização do conhecimento a partir de dois sentidos. Em um sentido estrito, refere-se a atividades de descrição, indexação e classificação de documentos; em um sentido amplo, diz respeito à divisão social do trabalho mental. Como campo de estudo, refere-se à natureza dos processos de organização do conhecimento e aos sistemas organizadores, usados com documentos e representações documentárias.

Novellino (1996) afirma que a organização do conhecimento está relacionada ao desenvolvimento e avaliação de teorias para a análise de determinadas áreas de assuntos, com o objetivo de elaborar instrumentos e métodos para a representação das informações que são geradas nessas áreas de assuntos.

A concepção de organização como “dínamo social” é a primeira de um conjunto de dez premissas que Barité (2001) elenca para a organização do conhecimento. O conhecimento, sentencia o autor, “é um produto social, uma necessidade social e um dínamo social” Barité (2001, p. 41, tradução livre). As outras nove orbitam, de certo modo, essa primeira: 2) o conhecimento se constitui a partir da informação socializada; 3) a estrutura e comunicação do conhecimento

formam um sistema aberto; 4) o conhecimento deve ser organizado para um aproveitamento individual e social; 5) existem infinitas formas de organizar o conhecimento; 6) toda a organização é artificial, provisória e determinista; 7) o conhecimento sempre é registrado em documentos como um conjunto organizado de dados; 8) o conhecimento é expresso em conceitos e se organiza mediante sistemas de conceitos; 9) os sistemas de conceitos se organizam para fins científicos, funcionais ou de documentação; e 10) as leis que regem a organização dos sistemas de conceitos são uniformes e previsíveis, sendo aplicadas igualmente em qualquer área disciplinar (Barité, 2001).

Assim como a representação da informação e seus instrumentos, a organização do conhecimento possui como resultado de seu processo meios de representação do conhecimento, nomeados como sistemas de organização do conhecimento (SOC). Alvares e Lima (2012) destacam que as estruturas e os funcionamentos da representação do conhecimento ainda são desafios para a comunidade científica, portanto são usados modelos de representação que atendem a necessidade de cada área, com o objetivo de se aproximar dos processos cognitivos da aprendizagem, do raciocínio e de relações entre o conhecimento disponível na memória para gerar novos conhecimentos.

Os autores ainda exemplificam as formas de representação do conhecimento, como na ciência cognitiva, quando se representa por mapas de processos cognitivos, mapas conceituais, mapas mentais, entre outros. Outro exemplo se dá nas ciências da computação, em especial na inteligência artificial, na qual se utilizam métodos e técnicas durante a tentativa de simular artificialmente processos da mente humana (Alvares; Lima, 2012).

Segundo Carlan (2010), os SOC são ferramentas da organização do conhecimento, com a função de apresentar a interpretação organizada e a estrutura do objeto. Entre os SOC mais conhecidos e estudados, estão os sistemas de classificação bibliográficos, foco da presente pesquisa.

4 SISTEMAS DE CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

O termo sistemas de organização do conhecimento (SOC) surge durante a conferência da ACM *Digital Libraries* em 1998, proposto pelo *Networked Knowledge Organization Systems Working Group*, com o termo original em inglês *Knowledge Organization Systems* (KOS) (Carlan, 2010). Esses sistemas são utilizados para denominar os instrumentos utilizados para traduzir conteúdos de documentos para um esquema estruturado de forma sistemática e representativa, com a finalidade de organizar a informação e conhecimento, e assim facilitar sua posterior recuperação (Carlan, 2010).

Hodge (2000) conceitua os SOC como ferramentas semânticas que contemplam conceitos e suas relações. A autora produziu uma das primeiras tipologias de SOC, classificados conforme suas estruturas e funções: 1) listas: sistemas lineares e menos estruturas, como os arquivos de autoridade, glossários, e dicionários; 2) classificações e categorias: sistemas estruturados de forma hierárquica com conjunto de assuntos, como as listas de cabeçalhos de assunto, esquemas de classificação e taxonomias; 3) listas de relacionamentos: sistemas complexos e altamente estruturados, visando a relação entre termos e conceitos, como as ontologias e tesouros (Hodge, 2000).

Hjørland (2007 *apud* Carlan, 2010), complementa os SOC com os mapas bibliométricos; os mapas conceituais; os hipertextos; os *topics maps*; e as *folksonomias*.

Zeng (2008) relata que a seleção de termos e o princípio da garantia são importantes no desenvolvimento dos SOC, portanto “não existe um esquema de classificação do conhecimento sobre o qual todos concordem. Um SOC pode ser significativo e vantajoso para uma cultura, uma coleção ou um domínio e para outros pode não ser” (Carlan, 2010, p. 31).

A classificação pode ser compreendida como uma área de conhecimento, iniciada com o modelo categorial proposto por Aristóteles para classificação do conhecimento filosófico que está baseado em três critérios: ausência ou presença do homem nos seres investigados, imutabilidade e mobilidade prática. Esses critérios resultaram na divisão da ciência em ciências matemáticas, ciências naturais e ciências humanas (Nunes; Tálamo, 2009).

Pode ser observada também como classificação bibliográfica, aquela que possui processos e instrumentos que representam o conteúdo de documentos, garantindo uma recuperação de informações eficiente (Lima, 2015).

O termo classificação é derivado do verbo classificar, ou seja, pôr em classes. Ela pode assumir quatro acepções: a) colocar em determinadas classes; b) determinar a classe a que pertence algo; c) definir classes e d) alcançar um nível. Essas distinções são definidas de acordo com seu objetivo e seu contexto (Schiessl; Shintaku, 2012).

A ideia de classificar pode ser compreendida como um fenômeno universal utilizado pelo ser humano, visto que é um ato natural, nascendo como uma prioridade do inconsciente do homem (Maniez, 1993 *apud* Simões, 2011).

A necessidade de organizar a partir de uma classificação é uma atividade mental humana natural e consciente sobre entidades físicas e abstratas, a fim de, a partir de critérios, agrupá-las de acordo com as suas semelhanças. Tal atividade reflete a necessidade do homem de construir modelos mentais de referência que lhe permitam orientar-se no universo em que está inserido (Simões, 2011).

Conforme Nunes e Tálamo (2009, p. 35), “desde a Antiguidade a preocupação em classificar e organizar todo e qualquer material em mãos faz presumir a importância que o homem deu em registrar a história, que é memória e cultura de qualquer povo”.

Segundo Pombo (1998, p. 1), classificar permite a possibilidade do relacionamento entre os seres humanos e o contexto em que estão inseridos,

Na verdade, nada nos parece mais "natural", óbvio e indiscutível que as classificações dos entes, dos factos e dos acontecimentos que constituem os quadros mentais em que estamos inseridos. Elas constituem os pontos estáveis que nos impedem de rodopiar sem solo, perdidos no desconforto do inominável, da ausência de "idades" ou "geografias". Só elas nos permitem orientar-nos no mundo à nossa volta, estabelecer hábitos, semelhanças e diferenças, reconhecer os lugares, os espaços, os seres, os acontecimentos; ordená-los, agrupá-los, aproximá-los uns dos outros, mantê-los em conjunto ou afastá-los irremediavelmente.

O processo de classificar, agrupando-se os elementos segundo suas semelhanças e excluindo-os segundo suas diferenças, resultam em sistemas com conceitos estruturados em níveis hierárquicos, denominados sistemas de classificação (Simões, 2011). Portanto, na ciência da informação, o conceito de classificar consiste em um processo mental de organizar informações, “enquanto o

conceito de classificação será entendido como um instrumento que serve para representar e recuperar informação” (Simões, 2011, p. 33).

As classificações bibliográficas têm origem nas classificações filosóficas, que por sua vez, foram motivadas pelo desejo de compreender e hierarquizar o conhecimento humano (Moreira, 2018). Platão (428-347 a. C.), juntamente a Aristóteles (384-322 a. C.), foi um dos primeiros filósofos a desenvolver uma classificação para os conhecimentos humanos, dividindo-os em três grupos: física, ética e lógica. Aristóteles, por sua vez, organizou os conhecimentos em três grupos: ética (incluindo economia, política e direito), artes recreativas, e teoria (incluindo a matemática, física e a teologia) (Barbosa, 1969, p. 43).

Entretanto, deve-se a Porfírio a difusão do pensamento de Aristóteles e suas categorias, através da elaboração de uma estrutura lógica hierárquica conhecida como *Árvore de Porfírio* (Barbosa, 1969). Esse esquema aristotélico constitui-se em um conjunto hierárquico de gêneros e espécies em dicotomias sucessivas, destinadas “a ilustrar a subordinação dos conceitos, a partir do conceito mais geral, que é o de *substância*, até chegar ao conceito de *homem*, o de menor extensão, mas o de maior compreensão” (Japiassú; Marcondes, 2001, p. 18).

O uso da dicotomia na *Árvore de Porfírio* influenciou as classificações dos seres e as classificações filosóficas, uma vez que é “Porfírio quem oferece, pela primeira vez, uma primeira representação arborescente da ideia de classificação” (Pombo, 1998, p. 7). Consequentemente, a ideia de Porfírio também influenciou os sistemas de organização do conhecimento, com maior visibilidade nos sistemas de classificação bibliográfica, nas ontologias e nas taxonomias (Moreira, 2018).

No entanto, deve-se ao inglês Francis Bacon (1561-1626) a maior influência sobre os sistemas de classificação bibliográfica, com seu modelo de organização das ciências e faculdades humanas (Moreira, 2018). Bacon divide as ciências baseado nas faculdades intelectuais da memória, imaginação e razão. Tais faculdades humanas originam, respectivamente, a história, a poesia e a filosofia (Barbosa, 1969).

O modelo de Bacon influenciou Thomas Jefferson (1743–1826) na criação de um sistema que mais tarde daria origem à Classificação da Biblioteca do Congresso (*Library of Congress Classification*), de mesmo modo que influenciou na Classificação de Harris, de William Torrey Harris (1835-1909), e subsequentemente na Classificação Decimal de Dewey (Simões, 2011).

As classificações bibliográficas possuem como inspiração também o filósofo francês Auguste Comte (1789-1857), criador de um sistema com um “conceito moderno de hierarquia das ciências e o princípio da filiação, pelo qual cada ciência depende da precedente” (Barbosa, 1969, p. 47). Comte agrupou os conhecimentos humanos de forma que os conhecimentos complexos sejam crescentes, ou seja, do menos complexo para o mais complexo, enquanto as generalidades sejam decrescentes, indo do conhecimento mais amplo ao mais específico. O modelo inicia-se com a matemática e decresce para astronomia, física, química, biologia e por fim, sociologia (Barbosa, 1969).

No contexto da biblioteconomia, a teoria da classificação dialoga com a prática e identifica lacunas e implicações no uso dos SOC nas bibliotecas, baseando-se em teorias para propor avanços necessários à área (Moreira, 2018). Piedade (1977) distribui os sistemas de classificação de acordo com sua função, assim, as classificações filosóficas estão ligadas à hierarquização do conhecimento, e as classificações bibliográficas relacionam-se à ordenação dos documentos em estantes e catálogos.

Assim, baseando-se nas concepções clássicas de Barbosa (1969) e Piedade (1977), a classificação bibliográfica pode ser definida como aquela que busca uma ordenação e disposição de documentos físicos em estantes, visando uma posterior recuperação da informação. Entretanto, em uma perspectiva atual, pode-se compreender a classificação bibliográfica tanto como aquela que organiza unidades de informação, quanto aquela que busca meios de comunicar a informação armazenada com os seus usuários (Nunes; Tálamo, 2009). Ela é aplicada de duas maneiras distintas e complementares na organização, permitindo organizar o conhecimento por meio de uma representação em estrutura taxonômica que enumera seus ramos principais e subsidiários, possibilitando a organização de documentos baseado em seus assuntos (Batley, 2005 *apud* Moreira, 2018).

Conforme o “*Diccionario de organización del conocimiento*”, de Mario Barité (2015), um sistema de classificação (*classification system*) é um esquema ordenado em códigos numéricos ou alfabéticos, destinados a classificar documentos e outros recursos informacionais, virtuais ou físicos. Para Smiraglia (2014, p. 60) esses sistemas “são concebidos para muitos propósitos na sociedade, que são a imposição de ordem em um domínio de atividade ou produtividade na sociedade”.

Nesses sistemas, têm-se a noção de agrupar ou separar de acordo com suas semelhanças e diferenças. Conforme Barbosa (1969, p. 23), os sistemas possuem grupos de assuntos coordenados e subordinados conforme suas características, grupos esses que são chamados de classes. Na CDD, as classes maiores são denominadas “classes principais”, enquanto suas subdivisões são denominadas “divisões”. As divisões são subdivididas em subdivisões, cada subdivisão em seção, e assim conseqüentemente para a especificidade de um assunto, dando-as uma relação conceitual hierárquica. Simões (2011), complementa que cada assunto é expresso por códigos que representam de forma geral ou específica o contexto em que ele está inserido.

Para classificar um acervo, deve-se considerar que deverá ser feito de forma abrangente e inclusiva, ou seja, a classificação deve incluir todas as entidades dentro de sua área de cobertura (Smiraglia, 2014). Assim, “em tempos mais recentes, se levar em consideração que um acervo é uma grande base de dados, pode-se dizer que o sistema de classificação adotado é a interface que coloca o usuário em contato com aquilo que busca” (Carlan, 2010, p. 57).

Com a popularização das bibliotecas durante os séculos XIX e XX, popularizaram-se também os sistemas de classificação bibliográficas que, com o aumento da circulação de informações, visavam garantir aos documentos notações equivalentes em diferentes bibliotecas, tornando a representação desses documentos uniforme e em condições de interoperabilidade e de fluxo informacional (Moreira, 2018).

Entre os principais sistemas de classificação bibliográficas, destacam-se a “Classificação de Harris”, de William Torrey Harris; a “Classificação Decimal de Dewey” (CDD), de Melvil Dewey; a Classificação da Biblioteca do Congresso (LCC); a “Classificação Expansiva”, de Charles Ammi Cutter; a “Classificação Decimal Universal” (CDU), de Paul Otlet e Henri La Fontaine; e a “Classificação de Dois Pontos” (CC), de Shiyali Ramamrita Ranganathan.

4.1 Classificação Decimal de Dewey

A Classificação Decimal de Dewey (CDD) foi publicada em 1876 por Melvil Dewey como “*A classification and subject index cataloging and arranging the books and pamphlets of a library*”. A primeira edição foi publicada de forma anônima, o

nome de Dewey apareceu somente em edições posteriores. A CDD foi inspirada em teorias filosóficas como a de W. T. Harris e Francis Bacon (Piedade, 1977; Carlan, 2010).

Dewey propõe um sistema que permita, além da organização sistemática nas estantes, classificar os documentos de acordo com o seu assunto e permitir a classificação de outros suportes, realizando a subordinação das classes e subclasses em uma hierarquia.

A CDD é estruturada em dez classes principais, com dez divisões cada e cada uma das divisões com dez seções. Essa forma de estruturar o sistema revela a ideia de Dewey em torná-lo um sistema de hierarquia potencialmente infinita e com a possibilidade de representar um assunto de forma específica por meio da perspectiva hierárquica. As classes são representadas por três algarismos: (000) Generalidades, (100) Filosofia e Psicologia, (200) Religião, (300) Ciências Sociais, (400) Línguas, (500) Ciências Naturais e Matemática, (600) Tecnologia e Ciências Aplicadas, (700) Artes, (800) Literatura e Retórica, e (900) Geografia, História e Biografia.

A última edição impressa da CDD (23ª edição), de 2011, possui quatro volumes. O primeiro volume contém informações de novos recursos, a introdução, o glossário, um índice para a introdução e o glossário, um manual e seis tabelas auxiliares para uma maior especificidade. O segundo contém o sumário e as tabelas principais (000-599), enquanto o terceiro volume contém as demais tabelas (600-999). O quarto volume apresenta um índice relativo.

A CDD é mantida e publicada pela Online Computer Library Center (OCLC), estando ela disponível também em versão eletrônica, pela Web Dewey. A Web Dewey é atualizada com frequência e contém entradas de índice adicionais. A versão eletrônica e outras publicações na *web* são as principais fontes de atualizações contínuas do CDD.

Segundo Mitchell *et al.* (2011, p. xlv, tradução livre), no texto introdutório da 23ª edição da CDD sobre a notação do sistema,

O primeiro dígito em cada número de três dígitos representa a classe principal. Por exemplo, 500 representa ciências. O segundo dígito em cada número de três dígitos indica a divisão. Por exemplo, 500 é usado para trabalhos gerais sobre ciências, 510 para matemática, 520 para astronomia e 530 para física. O terceiro dígito em cada número de três dígitos indica a seção. Assim, 530 é usado para trabalhos gerais sobre

física, 531 para mecânica clássica, 532 para mecânica dos fluidos e 533 para mecânica dos gases.

No cenário atual, os sistemas de classificação bibliográfica mais utilizados nas bibliotecas pelo mundo são originados a partir de uma perspectiva ocidental surgida no final do século XIX. Mesmo com as novas edições, assuntos não enquadrados no cenário ocidental, como aqueles relacionados ao continente asiático, não são representados ou são representados de maneira superficial e até mesmo deturpada, reforçando preconceitos e levando os usuários a interpretações errôneas sobre outras culturas, grupos étnicos e religiões. Assim, torna-se importante o conhecimento sobre sistemas nacionais como uma forma de refletir e evitar a imposição de uma visão distorcida sobre outras culturas.

4.2 Sistema de Classificação Coreano

A KDC (*Korean Decimal Classification*) é um sistema de classificação bibliográfica usado na Coreia do Sul, cuja estrutura fundamental é baseada na CDD. A KDC é administrada pelo Comitê de Classificação da Associação Coreana de Bibliotecas (*Korean Library Association*). A sexta e mais recente edição do sistema de classificação coreano foi publicada no ano de 2013. Muitas bibliotecas escolares e públicas da Coreia do Sul utilizam a KDC para organizar suas coleções, assim como algumas bibliotecas universitárias e a Biblioteca Nacional da Coreia também mantém esse sistema (Choi; Park, 2018; Oh, 2012; 2018; Sukiasyan, 2020).

Segundo Choi (2018), antecedendo o desenvolvimento da KDC, a Coreia já utilizava de práticas chinesas de catalogação, como a catalogação de clássicos, filosofias e obras literárias. Em 1889, a Classificação Decimal de Dewey foi introduzida no Japão com algumas modificações, ocasionando assim a Classificação Decimal Nipônica (NDC). Esse sistema, assim como práticas bibliotecárias japonesas, foi imposto na Coreia durante a colonização japonesa (1910-1945).

Com a independência da Coreia do Japão (1945), os bibliotecários coreanos estavam motivados em desenvolver seus próprios sistemas e práticas de controle bibliográfico, como classificações e regras de catalogação (Choi, 2018). Park Pongseok publicou em 1950 a Classificação Decimal Chosun (CDC), juntamente com a Biblioteca Nacional da Coreia, tornando-se o sistema mais utilizado na

década de 50, sua estrutura era baseada na CDD e na NDC, embora suas classes fossem diferentes delas.

Como relatado por Oh (2021) no ano de 1957, pós-guerra da Coreia, o país formalizou a educação em biblioteconomia na Universidade de Yonsei, com a colaboração do *George Peabody College for Education*, introduzindo assim o uso da CDD tanto na educação bibliotecária quanto na aplicação nas bibliotecas. Entretanto, notou-se que o sistema não atendia às unidades de informação sul-coreanas, uma vez que a documentação era, em grande parte, composta de assuntos que englobam a Coreia e demais países asiáticos. Isso levou à conclusão de que deveriam desenvolver um novo sistema que se adequasse às suas necessidades (Oh, 2021).

Conforme apresentado por Sukiasyan (2020), após analisar a situação, em fevereiro de 1963 o Comitê de Classificação aprovou o desenvolvimento de uma classificação padrão baseada na CDD. Em maio de 1964, foi publicada a primeira edição do novo sistema, apresentado em dois idiomas: *Hangul* e caracteres chineses. Posteriormente, houve a publicação da segunda edição, no ano de 1966, corrigida e revisada. A terceira edição (1980), com dois volumes, apresentou mudanças significativas. Em 1990, o Comitê foi ampliado, contribuindo para as melhorias do sistema e assim, em 1996, foi publicada a quarta edição e, em 2009, a quinta edição da classificação, também com dois volumes.

Para a sexta edição (2013), o Comitê utilizou como base as modificações da 23ª edição da CDD, EC (Classificação Expansiva), LCC, SC (Classificação de Assuntos) e a NDC, formatando as tabelas e revisando os índices. Sua sexta edição possui três volumes: o primeiro volume apresentando prefácio do presidente da Associação de Coreana de Bibliotecas (KLA), relatório sobre o processo geral e a política de revisão, comentários do uso da classificação, seis tabelas mnemônicas, resumo das classes e suas divisões e notas; o segundo apresenta um índice relativo; e o terceiro volume apresenta um manual (Choi, 2018; Sukiasyan, 2020; Oh, 2021).

Quadro 1 - Sumário da KDC 6

000 General works 010 Books,	100 Philosophy 110	200 Religion 210 Comparative	300 Social sciences 310 Statistics	400 Natural sciences 410
--	------------------------------	--	--	------------------------------------

Bibliography 020 Library & information science 030 General encyclopedias 040 General collected essays 050 General serial publications 060 General societies 070 Newspapers, journalism 080 General collected works 090 Materials of province	Metaphysics 120 Epistemology, etc. 130 Systems of philosophy 140 Chinese classics 150 Oriental philosophy and thought 160 Western philosophy 170 Logic 180 Psychology 190 Ethics, moral philosophy	religion 220 Buddhism 230 Christian religion 240 Taoism 250 Chondoism 260 [Unassigned] 270 Hinduism, Brahmanism 280 Islam, Mohammedanism 290 Other religions	320 Economics 330 Sociology and social problems 340 Political sciences 350 Public administration 360 Law 370 Education 380 Customs, Etiquette, Folklore 390 Military science	Mathematics 420 Physics 430 Chemistry 440 Astronomy 450 Earth science 460 Mineralogy 470 Life science 480 Botany 490 Zoological science
500 Technology 510 Medical science 520 Agriculture 530 Engineering, technology etc. 540 Construction and architecture 550 Mechanical engineering 560 Electrical, comm. & electric engineering 570 Chemical engineering 580 Manufactures 590 Human ecology	600 Arts 610 [Unassigned] 620 Sculpture, plastic art 630 Crafts 640 Calligraphy 650 Painting, design 660 Photography 670 Music 680 Stage performance, museum arts 690 Amusements, sports & physical training	700 Language 710 Korean language 720 Chinese language 730 Japanese & other Asian languages 740 English 750 German 760 French languages 770 Spanish languages & Portuguese language 780 Italian languages 790 Other languages	800 Literature 810 Korean literature 820 Chinese literature 830 Japanese & other Asian literature 840 English & American literature 850 German literature 860 French literature 870 Spanish & Portuguese literature 880 Italian literature 890 Other literatures	900 History 910 Asia 920 Europe 930 Africa 940 North America 950 South America 960 Oceania and Polar regions 970 [Unassigned] 980 Geography 990 Biography

Fonte: Oh (2021).

Mantendo atualizações periódicas, a KDC permanece sendo um dos poucos sistemas nacionais bem-sucedidos, muito pela sua forte ligação com a KLA e o apoio da comunidade bibliotecária (Oh, 2021).

4.3 Sistema de Classificação Nipônica

Inspirada na CDD, a Classificação Decimal Nipônica (*Nippon Decimal Classification*), é um sistema mantido pelo Comitê de Classificação da Associação Japonesa de Bibliotecas (JLA), desde 1948. É considerada um sistema padrão para as bibliotecas japonesas. A primeira edição foi desenvolvida e publicada em 1929 por Kiyoshi Mori, e a décima e última edição foi publicada pelo JLA em 2014. Embora semelhante a CDD no uso de notações decimais, a NDC ordena suas classes principais de acordo com a Classificação Expansiva de Cutter (EC) (Fujikura, 2020).

Segundo Fujikura (2020), as bibliotecas japonesas utilizavam sistemas próprios antes da consolidação da NDC. A ideia do sistema NDC para obras japonesas começou em 1928, com Kiyoshi Mori e o auxílio da empresa Mamira-shoten, e em 1929 foi publicada sua primeira versão. Após a Segunda Guerra Mundial, entre os anos de 1947 e 1948, discussões da CIE (*Civil Information and Educational Section*) sobre padronizações para bibliotecas levaram a adotar a NDC como um sistema de classificação padrão no Japão. Assim, em 1948, a JLA criou o Comitê de Classificação, com um dos membros sendo Kiyoshi Mori, auxiliando na revisão do sistema (Fujikura, 2020).

A estrutura do sistema NDC é semelhante à CDD, usando algarismos arábicos e dez classes principais inspiradas no sistema EC, seguindo de divisões e seções. As classes principais do sistema japonês estão apresentadas no Quadro 2.

Quadro 2: Classes principais da NDC 10.

NDC 10
0 Geral
1 Filosofia e Religião

2 História
3 Ciências Sociais
4 Ciências Naturais
5 Tecnologia
6 Indústria
7 As Artes
8 Linguagem
9 Literatura

Fonte: Oh (2023, grifo do autor, tradução livre).

A classificação conta com tabelas auxiliares e índices relativos. O sistema utiliza uma notação decimal hierárquica. A NDC possui dois tipos de versões eletrônicas: *Machine-Readable Data File* (MRDF), publicada pela primeira vez em 1989 e com a última atualização em 2020; e o *Linked Data format* (NDC-LD and NDC Data) publicada em 2016 (Fujikura, 2020).

4.4 Classificações de Bibliotecas Chinesas

A China é uma das nações mais antigas do mundo, com mais de dois mil anos de tradição sobre sistemas de organização do conhecimento, possui a classificação mais antiga documentada, a Sete Epítomes (*Qi Lüe*), desenvolvida durante a Dinastia de Han para a organização de uma biblioteca imperial.

Posteriormente, outras importantes classificações surgiram, como a de Zheng Mo durante o Período dos Três Reinos (220-265 d.C.) ou a classificação de “quatro categorias” de Xun Xu durante a Dinastia de Wei (270 A.D.) Entretanto, com a influência do Ocidente algumas bibliotecas universitárias passaram a utilizar a CDD para classificar obras estrangeiras. Assim, em 1917 Shen Zurong e Hu Qingsheng compilaram o primeiro sistema de classificação decimal chinês (Zhang, 2003).

Uma das classificações mais importantes da República Popular da China é a Classificação das Bibliotecas Chinesas (*Chinese Library Classification* - CLC),

iniciada em 1960. Antecedendo a popularidade da CLC no país, entre 1959 e 1966 o grupo editorial de classificação do Ministério da Cultura e o Ministério da Educação da China, desenvolveram o sistema *Draft of Medium and Small Library Classification* (MSLC), quando se observou a necessidade, por parte das bibliotecas de grande porte e das bibliotecas especializadas, de uma classificação específica (Bu; Fan, 2017).

Por motivos históricos e políticos a MSLC foi descontinuada em 1966, mas em fevereiro de 1971, a Biblioteca Nacional da China iniciou a compilação da CLC com base na classificação geral, publicando a primeira edição em 1975 (Bu; Fan, 2017). A classificação é baseada em princípios científicos e gerais, possuindo 5 categorias básicas e 22 divisões estendidas, além de utilizar um sistema de notação mista (Zhang, 2003). A segunda edição foi publicada em 1980, a terceira em 1990, a quarta em 1999 e a quinta em 2010.

A CLC se apresenta em outros formatos para públicos específicos, como: a Classificação de Periódicos (1985); a Classificação de Tesouros Chinesa (CCT) de 1994; a Web CLC (2001); Web (CCT), de 2009; Classificação Chinesa de Livros e Documentos (CBDC) em 1975; e a Classificação de Biblioteca Infantil (1991) (Bu; Fan, 2017).

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Considerando-se o seu objeto, a presente pesquisa caracteriza-se como exploratória e descritiva, pois a finalidade é levantar informações sobre o assunto investigado, descrever os dados encontrados e identificar novos problemas de pesquisa. Quanto aos procedimentos metodológicos, a pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, e documental pela reconstrução do referencial teórico apresentado e resultados.

Os procedimentos metodológicos da pesquisa envolveram a adoção de dois tipos de *corpora*, sendo eles o *corpus* documentário e o *corpus* de análise. O *corpus* documentário foi organizado com uma cobertura retrospectiva de vinte e quatro anos (2000-2024) dos números publicados do periódico *Knowledge Organization*.

A escolha desse periódico recai sobre sua relevância enquanto veículo administrado pela *International Society of Knowledge Organization* (ISKO) e por sua representatividade em relação aos temas propostos nesta pesquisa, como constatou a pesquisa prévia de levantamento bibliográfico e como também já atestaram outros pesquisadores, tais como Araújo, Guimarães e Tennis (2021, p. 2): “A *Knowledge organization* é uma publicação que representa o pensamento da área, por ser considerada a revista científica referência do domínio pela *International Society for Knowledge Organization* (ISKO) [...]”.

As estratégias de busca utilizadas no periódico selecionado foram: “*classification systems*”, “*korean decimal classification*”, “*nippon decimal classification*”, “*chinese library classification*”, “*japanese classification*”, “*chinese classification*”, “*korean classification*”, “*national classification systems*”.

A partir das palavras-chave utilizadas, foi feita a leitura dos resumos dos textos recuperados para identificação daqueles que tratavam especificamente sobre sistemas de classificação asiáticos, e após isto, foram selecionados os artigos para compor o *corpus* de análise. Assim, a análise foi composta de textos que discutiam aspectos socioculturais de sistemas de classificação bibliográfica e de organização do conhecimento, *grosso modo*, e textos específicos sobre sistemas de classificação bibliográficas asiáticas, sendo eles a Classificação Decimal Coreana (KDC), a Classificação Decimal Nipônica (NDC) e classificações chinesas, como a Classificação das Bibliotecas Chinesas (CLC), considerando os interesses desta pesquisa.

Em um primeiro momento, buscava-se textos específicos sobre a KDC e seus aspectos históricos em uma cobertura de dez anos (2015-2024). Todavia, ao decorrer da coleta, percebeu-se que a quantidade de textos recuperados do assunto proposto não era suficiente para o pleno desenvolvimento da pesquisa. Assim, optou-se por incluir os sistemas NDC e CLC e expandir os anos de coleta para um período de vinte e quatro anos (2000-2024).

Quadro 3 - Artigos selecionados na KO.

ANO	Nº	AUTORES	TÍTULO
2002	2	Oh Dong-Geun; Yeo Ji-Suk	Suggesting an Option for DDC Class Religion (200) for Nations in which Religious Diversity Predominates
2011	1	Hur-Li Lee; Wen-Chin Lan	Proclaiming Intellectual Authority Through Classification: The Case of the Seven Epitomes
2012	2	Oh Dong-Geun	Developing and Maintaining a National Classification System, Experience from Korean Decimal Classification
2015	6	Junzhi Jia; Jie Zhou	Mapping Analysis of Pre-coordinated Classes in DDC and CLC
2016	8	Wan-Chen Lee	An Exploratory Study of the Subject Ontogeny of Eugenics in the New Classification Scheme for Chinese Libraries and the Nippon Decimal Classification
2018	7	Oh Dong-Geun	Revision of the National Classification System through Cooperative Efforts: A Case of Korean Decimal Classification 6th Edition (KDC 6)
2021	3	Oh Dong-Geun	Korean Decimal Classification (KDC): Its History, Development, Characteristics, and Future Prospect
2023	2	Oh Dong-Geun	Comparative Analysis of National Classification Systems: Cases of Korean Decimal Classification (KDC) and Nippon Decimal Classification (NDC)

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Após a identificação dos textos componentes do *corpus* de análise, examinou-se a base referencial e teórica que compõe o quadro conceitual apresentado como referencial teórico nos referidos trabalhos.

A análise foi conduzida com recurso da metodologia de análise de conteúdo de Bardin (2003). É uma técnica de análise de textos desenvolvida dentro das ciências sociais (Martins, 2010). A análise de conteúdo, conforme a proposta de Bardin (2003), organiza-se em três fases: a) pré-análise, b) exploração do material, c) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

A primeira fase é “desenvolvida para sistematizar as ideias iniciais colocadas pelo quadro referencial teórico e estabelecer indicadores para a interpretação das informações coletadas” (Silva; Fossá, 2015, p. 3). Sendo assim, houve a leitura de resumos, de palavras-chave e da base referencial e teórica dos textos recuperados, a fim de determinar quais seriam os materiais selecionados com base no objetivo da pesquisa.

A fase de exploração do material consiste na construção de uma codificação, considerando os recortes dos textos em unidades de registros, ou seja, na definição de palavras-chave/códigos que serão agrupadas de acordo com temas correlatos (Silva; Fossá, 2015). Assim, foi realizada a leitura do *corpus* de análise e codificação dos temas relevantes para o objetivo. Por fim, durante a fase de tratamento dos resultados, inferência e interpretação houve a interpretação dos dados obtidos sobre os sistemas de classificação e a sua sistematização, uma vez que esta fase “consiste em captar os conteúdos manifestos e latentes contidos em todo o material coletado” (Silva; Fossá, 2015, p. 4).

A definição das categorias de análise foi feita *a posteriori*, ou seja, nenhuma projeção teórica foi realizada anteriormente à leitura analítica do conjunto de documentos incluídos no *corpus* de análise, conforme os critérios definidos. Assim, categorias definidas após a leitura estão enumeradas no Quadro 5.

Quadro 4 - Categorização dos temas.

Categorias	Códigos/Temas	Objetivo
Histórico de desenvolvimento	Motivações	Causa para a criação de um sistema nacional
	Responsáveis pelo sistema	Pesquisadores/comunidade e responsáveis pelas iniciativas e ou atualizações dos sistemas

	Edições	Quantidade de edições há dos sistemas
	Versões de sistema	Se há versões online ou não dos sistemas
Estrutura	Hierarquia	Modelo de hierarquia adotado
	Notação	Tipo de notação adotada
	Tabelas	Quantidade de tabelas estão presentes no sistema
	Volumes	Quantidade de volumes os sistemas possuem
	Caracteres	Tipo de caractere adotado
	Classes	Quantidade de classes principais e divisões há nos sistemas
Aplicabilidade do sistema	Estatísticas de uso	Quais bibliotecas e unidades de informação adotaram os sistemas
	Relevância social	Importância do sistema para o país de sua criação
	Público	Público que utiliza o sistema
	Sugestões	Sugestões abordadas nos textos para melhora dos sistemas

Fonte: Elaborado pela autora, 2025

Ressalta-se que os textos apresentavam mais de um assunto, mas considerando o objetivo deste estudo, foram destacados apenas os tópicos de interesse da pesquisa.

Para atingir o objetivo específico proposto “d) analisar aspectos da cultura asiática conforme sua representação na CDD”, foi realizado uma exploração sistemática das classes principais e suas subdivisões, através do volume 2 e volume 3, da 23ª edição da Classificação Decimal de Dewey.

Por meio dos dados recuperados, foram examinados os termos atribuídos aos assuntos relacionados aos aspectos da cultura asiática, com o foco na cultura chinesa, japonesa e coreana, bem como o nível de detalhamento desses assuntos dado pela CDD. A busca foi feita a partir de termos em inglês, sendo eles: “*China*”, “*chinese*”, “*Japan*”, “*japanese*”, “*Korea*”, “*korean*”, “*Asia*”, “*asian*”, e “*East Asian*”.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

6.1 Histórico de desenvolvimento

Esta seção tem como objetivo apresentar os principais resultados obtidos por meio da aplicação do método de análise no corpus. A categoria sobre o histórico dos sistemas está contemplada na análise dos textos de Lee e Lan (2011), Oh (2012; 2018; 2021; 2023), Jia e Zhao (2015) e Lee (2016), contudo nem todos os pesquisadores abordaram todos os temas categorizados.

Oh (2012), além de apresentar um histórico da Classificação Decimal Coreana (KDC) até a 5ª edição do sistema, apresenta sugestões e melhorias para o futuro da classificação em seu artigo. A KDC teve sua primeira edição lançada em 1964 pelo Comitê de Classificação, grupo da *Koran Library Association*. Oh (2012) relata os sistemas antecessores da KDC, como *Korean Decimal Classification* de Park (KDCP), de 1947, a *Han-Un Decimal Classification* (1954) e a *Kuk-Yeon Decimal Classification* (1958). Tais sistemas foram desenvolvidos após a independência da Coreia do Japão, motivados pelo desejo dos coreanos de possuírem um sistema próprio para catalogar e controlar sua bibliografia, no entanto deixaram de ser utilizados devido a rigidez dos sistemas na classificação e a aplicação da CDD nas bibliotecas coreanas.

A KDC surgiu após dificuldades da comunidade bibliotecária no uso da CDD, com seu planejamento iniciado em 1963 pelo comitê. Oh (2012) sintetiza as cinco edições e seus respectivos anos de publicação e editores-chefes (Quadro 6).

Quadro 5 - Breve histórico da KDC.

Edição	Ano de publicação	Total de páginas	Editor-Chefe
1	1964	642	Hye-Bong Chun
2	1966	686	Hye-Bong Chun
3	1980	1.027	Byung-Su Lee
4	1996	1.516	Ki-Won Kwon
5	2009	1.529	Tae-Woo Nam

Fonte: Oh (2012).

O Comitê de Classificação se inspirou na CDD, KDCP, LCC, *Han-Un Decimal Classification*, Classificação de Assuntos de Brown e Classificação Decimal Nipônica (NDC) para estruturar as classes e as subdivisões da KDC. A CDD influenciou na estrutura geral e nas maiorias das classes do sistema; a LCC influenciou na composição da classe de Ciências Sociais; a *Han-Un Decimal Classification* nas classes de Ciências Médicas; a KDCP nas classes de assuntos coreanos e orientais; a NDC nas classes de assuntos japoneses e orientais; e a Classificação de Assuntos de Brown no agrupamento de algumas classes por assuntos (Oh, 2012). Não há uma versão *web* da KDC, embora muitas bibliotecas tenham incorporado automação em seus serviços.

Oh (2018) explora a cooperatividade na produção da 6ª edição do sistema coreano em seu estudo. Para a nova edição, Oh (2018) apresenta que além de correções das inconsistências estruturais e atualizações terminológicas, houve a expansão de algumas áreas para melhor representação dos assuntos, e melhor atendimento às necessidades da comunidade. O editor-chefe da sexta edição foi Dong-Geun Oh, um dos principais pesquisadores da área da classificação na Coreia. Destaca-se também a cooperação da Biblioteca Nacional da Coreia e da própria comunidade bibliotecária e acadêmica na revisão da KDC para sua sexta edição.

Ainda sobre a classificação coreana, Oh (2021) examina a trajetória do sistema de classificação, apresentando decisões do comitê e percepções para o futuro do sistema. É enfatizada a motivação por trás do desenvolvimento da KDC em fornecer uma classificação que atenda as necessidades dos bibliotecários coreanos para a organização de materiais referentes à Ásia Oriental e Coreia.

Na primeira edição (1964), os membros do comitê prepararam rascunhos com o auxílio de especialistas e acadêmicos das áreas, além da produção do índice. A segunda edição, publicada em 1966, corrigiu os erros de impressão e ortográficos, expandindo classes de determinados assuntos. Na terceira edição (1980) foram adicionadas novas entradas de assuntos, algumas realocadas e outras descontinuadas de acordo com os avanços das áreas. A quarta edição, publicada em 1996 contou com mais 15 novos membros para o comitê, como acadêmicos e especialistas, motivados em atualizar o sistema às novas tendências do desenvolvimento acadêmico e científico, principalmente das áreas de ciências e

tecnologia, seguindo também as atualizações da CDD (20ª edição) e NDC (9ª edição).

A quinta edição, de 2009, começou a ser preparada em 2007, seguindo ainda as ideias da comunidade bibliotecária por meio de relatórios da KLA e audiências públicas. Por fim, a sexta edição, publicada em 2013, foi implantada em 2011, quando o ex-presidente do Comitê de Classificação, Tae Woo Nam, se tornou o presidente da KLA. Essa edição foi motivada pela 23ª edição da CDD e para corrigir erros de impressão relatados pela comunidade bibliotecária. A partir da quarta edição, foram estabelecidas diretrizes para um melhor trabalho, entre elas destacam-se: evitar mudanças nas classes, divisões e seções; expansão de subdivisões de áreas de mudanças rápidas; terminologia atualizada; assuntos relacionados a Coreia do Norte devem ser refletidos e adicionados; entre outras diretrizes. Uma versão *web* do sistema ainda não foi desenvolvida, mas a produção da sexta edição foi preparada considerando um futuro tesouro.

Oh (2023) buscou analisar comparativamente as atuais versões da Classificação Decimal Coreana e a Classificação Decimal Nipônica (NDC), buscando suas diferenças e características culturais. Ambos os sistemas foram desenvolvidos motivados pela insatisfação no uso da CDD e LCC. A KDC teve sua história na década de 60 como abordado pelo autor Oh (2012; 2018; 2021). Os primeiros passos para a produção da NDC iniciaram-se em 1929 por Kiyoshi Mori, transferida posteriormente para a Associação de Bibliotecas do Japão (JLA) e mantida por ela desde 1950. Mori era membro da Liga dos Jovens Bibliotecários (atual Associação Nipônica de Biblioteconomia) e desenvolveu a primeira versão da NDC devido a dificuldade da comunidade em aplicar a CDD nas bibliotecas japonesas.

Conhecida como a versão “zero”, essa edição foi lançada pela Mamiya-shoten, uma loja de materiais para bibliotecas. Após este período, Mori deu continuidade ao sistema de forma individual, publicando a segunda edição em 1931, a terceira em 1935, a quarta em 1938 e a quinta em 1942. A partir da sexta edição, o Comitê de Classificação da JLA publicou-a revisada em 1950, seguindo para a sétima, oitava, nona e décima edição, publicadas em 1961, 1978, 1995 e 2014, respectivamente. Anterior a décima edição, foram lançados os rascunhos no periódico e no *site* da JLA, com o objetivo de obter retorno da comunidade bibliotecária japonesa sobre o sistema.

Por sua vez, Lee (2016) analisou o assunto “eugenia” nos sistemas NDC e *New Classification Scheme for Chinese Libraries* (CCL). Lee (2018) destaca novamente o surgimento da NDC em 1929, com Mori. A CCL foi desenvolvida por Kwoh-Chuin Liu com o objetivo de solucionar a deficiência na representação do conhecimento que os sistemas chineses apresentaram, além de buscar uma colaboração entre bibliotecas com a utilização de um mesmo sistema de classificação. A CCL foi influenciada pela coleção da biblioteca da Universidade de Nanking e em outros sistemas orientais e ocidentais, como a CDD. Liu foi o responsável pelas quatro primeiras edições, publicadas entre 1929 e 1958, com a ajuda de Yimin Xiong para o índice. Logo após, Yongxiang Lai ficou responsável por oito edições, publicadas entre 1964 e 2001. A partir de 2001, o comitê editorial da Biblioteca Central Nacional deu continuidade ao sistema, publicando a versão mais recente em 2007.

O artigo de Jia e Zhao (2015) busca analisar como as classes pré-coordenadas da CDD e a Classificação da Biblioteca Chinesa (CLC) podem afetar a qualidade do mapeamento semântico. Sobre a CLC, os autores destacam que o sistema foi desenvolvido com o foco de atender a comunidade chinesa em questões linguísticas e culturais, baseada em uma classificação científica. Há cinco edições do sistema, sendo a sua última publicada em 2010.

Lee e Lan (2011) abordam a Classificação das Sete Epítomes (*Seven Epitomes*) em seu estudo. A “Sete Epítomes” foi o primeiro catálogo desenvolvido na China, durante a Dinastia Han (202 a.C - 220 d.C), como uma forma de recuperar livros e registros que foram perdidos durante a Dinastia Qin (221 a.C - 206 d.C) pela censura e queima de livros. Liu Xiang foi um estudioso, editor e compilador de bibliografia designado em 26 a.C pelo Imperador Cheng a organizar os materiais recuperados, e junto a outros estudiosos iniciou o projeto de catalogação (*collation*) com o objetivo de construir uma biblioteca imperial. O projeto foi finalizado por Lin Xin, um compilador de bibliografia, astrônomo e filho de Liu Xiang, que compilou os resumos de seu pai e finalizou o catálogo em algum momento do final do século I a.C, reinado do Imperador Ai (27 a.C - 1 a.C). Devido ao tempo, a “Sete Epítomes” original foi perdida, havendo apenas para consulta uma reconstrução do catálogo feita por Yeo Zhenzong a partir de citações sobre o catálogo de outros pesquisadores e de partes do Tratado Bibliográfico (ou Tratado de Han), material que contém vinte e quatro histórias sobre a China, incluindo a

descrição de atividades realizadas para recuperação dos materiais banidos na Dinastia Qin.

6.2 Estrutura dos sistemas

Em relação a esta categoria, todos os artigos abordam questões referentes às classes, notações e tabelas, contudo de formas diferentes de acordo com os objetivos de cada estudo.

Sobre a Classificação Decimal Coreana, Oh e Yeo (2001) têm o foco na classe de religião (200) pelo objetivo do artigo. Percebe-se que a 4ª edição da KDC, considerando o ano em que o artigo foi publicado, leva em consideração a diversidade religiosa na Coreia. Assim, os autores apresentam a classe dedicada à religião e os assuntos que a compõem, estando ele organizadas de acordo com as crenças praticadas no país (Quadro 7).

Quadro 6 - Divisões da Religião na 4ª edição da KDC.

Divisões	KDC
200	Religião
210	Religião comparativa
220	Budismo
230	Cristianismo
240	Taoísmo
250	Cheondoísmo
260	Xintoísmo
270	Bramanismo, Hinduísmo
280	Mohammedanism, Islã
290	Outras religiões

Fonte: Oh e Yeo (2001, tradução livre).

Outra característica estrutural da KDC apresentada por Oh e Yeo (2001) é a presença de uma tabela única para religião que possui uma notação mnemônica padrão. As tabelas mnemônicas são semelhantes às tabelas auxiliares da CDD (Quadro 8).

Quadro 7 - Tabela de religião da KDC 4ª edição

Notação	Características mnemônicas
- 1	Doutrinas religiosas
- 2	Fundadores e líderes
- 3	Fontes e escrituras
- 4	Vida e prática religiosa
- 5	Missões e educação religiosa
- 6	Organização religiosa
- 7	Culto público e outras práticas religiosas
- 8	Seitas e denominações

Fonte: Oh (2001, tradução livre).

Por sua vez, Oh (2012) descreve características estruturais da 5ª edição da KDC, que segue a numeração de 000 a 999, com possibilidades de expansão com base na notação decimal. A notação se dá por meio de números arábicos como forma de demonstrar a hierarquia do sistema, e com 3 dígitos. A disposição das classes no sistema é descrita como semelhante a CDD, porém suas subdivisões seguiam características específicas do contexto das bibliotecas coreanas. Essa edição possui dois volumes. O primeiro contém um roteiro do sistema, partes preliminares, prefácio, tabelas auxiliares, resumos e as tabelas principais. O segundo volume contém um índice relativo.

Oh (2018), com a publicação da 6ª edição da KDC, indica novas mudanças das tabelas e volumes. Há um acréscimo de um terceiro volume que contém um manual de uso. Os volumes anteriores possuem, em geral, o mesmo conteúdo da 5ª edição, conforme descreve Oh (2012), porém com alguns acréscimos, como: relatório do comitê, comentários sobre o uso da classificação e das tabelas e notas explicativas.

Em Oh (2021), o autor acrescenta que os títulos das classes e subdivisões estão em coreano (Hangul), com títulos correspondentes em caracteres chineses entre parênteses quando necessário. Títulos em inglês também estão presentes apenas quando necessário. Em alguns dos exemplos discutidos por Oh (2021) sobre a disposição das classes percebe-se que muitas das mudanças foram feitas

como forma de refletir sobre o contexto, a cultura da Coreia e de locais do Leste Asiático, como se percebe na classe principal da KDC de Linguagem (700), que comparada a CDD, foi movida para perto da classe Literatura (800). Outras subdivisões das classes que são discutidas pelo autor estão presentes nas classes principais: Linguagem, Literatura e História (900). Essa característica está em ênfase novamente em Oh (2023), com o sistema buscando dar prioridade aos locais asiáticos e de sua própria nação nas disciplinas geográficas, de linguagem, literatura, religião, filosofia e história.

Em relação a NDC, Oh (2023) indica a influência do modelo de classificação de Comte, observado na Classificação Expansiva. Há um índice relativo no sistema, além da classificação ser organizada em nove classes principais e uma de generalidades, como a CDD. Diferentemente da CDD e da KDC, a NCD utiliza apenas um dígito na notação das estruturas hierárquicas como apresentado no Quadro 9. A NDC possui quatro tabelas gerais, sendo elas: divisão de forma, divisão geográfica, divisão de línguas e, uma tabela exclusiva da NDC, divisão dos mares; além de dez tabelas especiais, sendo elas: Seito, Budismo, Cristianismo, períodos históricos japoneses, geográficos de outras nações, aspectos econômicos e gerenciais de tecnologia e engenharia, livros ilustrados e arquitetura, livros de arte ilustrados, línguas individuais, e subdivisão de literatura individual. O sistema japonês, assim como o coreano, organiza suas classes de forma a privilegiar suas próprias questões históricas, geográficas, religiosas e linguísticas. Atualmente a NDC possui duas versões eletrônicas *Machine-Readable Data File* (MRDF) e o formato do *Linked Data*.

Quadro 8 - Comparação das classes principais.

KDC 6	NDC 10	CDD 23
000 Generalidades	0 Geral	000 Generalidades
100 Filosofia	1 Filosofia e Religião	100 Filosofia e Psicologia
200 Religião	2 História	200 Religião
300 Ciências Sociais	3 Ciências Sociais	300 Ciências Sociais
400 Ciências Naturais	4 Ciências Naturais	400 Línguas
500 Tecnologia	5 Tecnologia	500 Ciências Naturais e Matemática

600 Artes	6 Indústria	600 Tecnologia e Ciências Aplicadas
700 Linguagem	7 As Artes	700 Artes
800 Literatura	8 Linguagem	800 Literatura
900 História	9 Literatura	900 Geografia e História

Fonte: Oh (2023, grifos acrescentados, tradução livre).

Lee (2016) realiza uma análise sobre a evolução do tema “eugenia” nos sistemas NDC e na *New Classification Scheme for Chinese Libraries*. Lee (2016) destaca Mori no desenvolvimento do sistema japonês e a influência da Classificação Expansiva. Os exemplos destacados por Lee (2016) evidenciam que a linguagem principal do sistema é o japonês (kana e kanji), como o uso do termo “優生学” (Eugenia) na busca de dados.

Embora não apresentado no artigo, percebe-se que o CCL utiliza um sistema decimal hierárquico, como no exemplo mostrado por Lee (2016) em que a classe 300 corresponde a “Ciências”, com as subdivisões 360 para “Ciências biológicas”, 363 para “Genética; hereditariedade” e 363.5 para “Eugenia”. Nota-se que a linguagem utilizada é o chinês tradicional pelo uso do termo “優生學” (Eugenia) na busca de dados da autora.

No texto que discute a CLC, Jia e Zhao (2015) relatam que há cinco grupos principais no sistema, subdivididos em 22 classes principais, exibidas no Quadro 10. A linguagem utilizada no sistema está em chinês, com conceitos expressos por frases caso necessário, ou por várias palavras, devido à complexidade do idioma. Percebe-se que, mesmo com um modelo hierárquico, as classes da CLC são divididas em grandes grupos de assuntos e posteriormente, dívidas em suas classes principais, que se subdividem em assuntos específicos.

Quadro 9 - Classificação da Biblioteca Chinesa: cinco grupos principais e 22 classes principais.

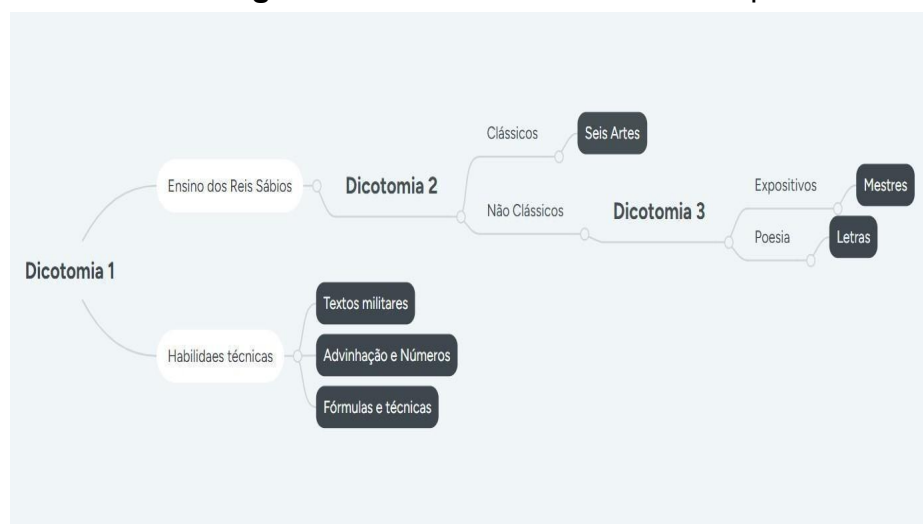
Grupos principais	Classes principais
1. Marxismo, Leninismo, Mao Tsé-Tung e Teoria Deng Xiaoping (A)	A. Marxismo, Leninismo, Mao Tsé-Tung e Teoria de Deng Xiaoping
2. Filosofia e Religião (B)	B. Filosofia e Religião

3. Ciências Sociais (C-K)	C. Ciências Sociais: Obras Gerais D. Política e Direito E. Ciência Militar F. Economia G. Cultura, Ciência, Educação, Esportes H. Línguas I. Literatura J. Artes K. História, Geografia
4. Ciências Naturais (N-X)	N. Ciências Naturais: Trabalhos Gerais O. Matemática, Física, Química P. Astronomia e Ciências da Terra Q. Ciências da Vida R. Medicina e Ciências da Saúde S. Ciências Agrárias T. Tecnologia Industrial U. Comunicação e Transporte V. Aviação e Aeroespacial X. Ciências Ambientais
5. Obras Gerais (Z)	Z. Obras Gerais

Fonte: Jia e Zhao (2015, tradução livre).

Como analisado por Lee e Lan (2011), a “Sete Epítomes” foi organizada em 6 grandes categorias hierárquicas, sendo elas 1) Seis Clássicos; 2) Escritos de Mestres; 3) Poesia; 4) Textos Militares; 5) Adivinhação e Números; e 6) Textos Médicos. O sistema seguia um modelo da ideologia do confucionismo, além do uso de dicotomias como classificação.

Figura 1 - Três dicotomias na Sete Epítomes



Fonte: Lee e Lan (2011, tradução livre).

As dicotomias, como observado na Figura 1, demonstram o princípio classicista e a ênfase na hierarquia moral chinesa adotado por Liu Xin na

organização do sistema, um modelo ao qual os usuários já estavam habituados, de uma hierarquia que favorecia a elite dominante (Lee; Lan, 2011). Acreditava-se que os ensinamentos de antigos reis, apresentados na dicotomia 1, originaram os Clássicos (dicotomia 2), que eram priorizados na classificação. Seguia-se pelos escritos de mestres (dicotomia 3) sobre a poesia. Os Clássicos levam a “classe” Seis Artes, enquanto a dicotomia 3 leva as “classes” de Escritos de Mestres e Poesia. A dicotomia 1 também se dividia em textos sobre habilidades técnicas que originaram as “classes” Textos Militares Adivinhação e Números e Textos Médicos.

6.3 Aplicabilidade do sistema

Por fim, esta categoria é abordada por Oh em 2012, 2018, 2021 e 2023. Conclui-se que a KDC é a mais influente classificação no contexto da comunidade bibliotecária coreana, sendo 99,5% das bibliotecas públicas utilizando a KDC para o acervo oriental e 99,3% para o acervo ocidental; 55,8% das bibliotecas universitárias utilizam para coleções orientais e 38,7% para os ocidentais (Oh, 2018). Não há estatísticas das bibliotecas escolares, mas percebe-se que a KDC é uma das mais utilizadas porque, além de ser o padrão da Biblioteca Nacional da Coreia, grande parte das coleções está em coreano. A Biblioteca Nacional da Coreia também fornece programas de treinamentos sobre o uso de KDC para os bibliotecários. Esse sistema possui grande relevância no contexto biblioteconômico, já que, além de ser um sistema nacional mantido pela KLA e alinhado à realidade coreana, bem como ser tema de estudos nos cursos da área, recebe contribuições acadêmicas e solicitações de uma versão *online* para que mais bibliotecas possam utilizá-la (Oh, 2012; 2018; 2021; 2023).

A NDC, ainda segundo Oh (2023), foi utilizada pela Biblioteca Nacional Diet (*National Diet Library*), a biblioteca nacional do Japão, em 1948, para coleções japonesas e chinesas, e mais tarde sendo amplamente aceita pela comunidade bibliotecária depois da edição de 1950. Sabe-se que cerca de 99,4% das bibliotecas públicas e 92,1% das universitárias utilizam a NDC em seu acervo. Assim como a KDC, a NDC é de grande importância para o contexto japonês por estar alinhada a seu contexto e pela busca de uma garantia literária.

A CLC, como abordado por Jia e Zhao (2015), é um dos SOC mais utilizados para organização de coleções em instituições chinesas. Por fim, apesar do desuso,

Lee (2011) ressalta que a “Sete Epítomes”, mesmo após mais de dois mil anos, influencia sistemas de classificação bibliográfica pelo uso do classicismo e pela valorização dos Clássicos e das Artes. Apesar de receber críticas pela aplicação de uma ideologia autoritária para seu desenvolvimento e em embasamentos “não-científicos”, Lee (2011) ressalta que esse sistema reflete um pensamento e contexto específico da China Imperial, desenvolvida com um propósito político de moldar mentes.

Todos os sistemas citados foram pensados de maneira a garantir que suas próprias nações organizem suas coleções de maneira adequada. Na categoria “histórico de desenvolvimento”, percebe-se que houve o emprego da CDD nas bibliotecas japonesas e coreanas, mas ela se apresentou insuficiente para coleções do Leste Asiático, e mesmo sendo utilizada ainda nos tempos atuais, apresenta-se com maior frequência em coleções ocidentais. É interessante pontuar as constantes atualizações dos sistemas KDC e NDC para que se tornem satisfatórios ao atendimento das necessidades de suas comunidades.

Na categoria “estrutura do sistema”, percebe-se que todos utilizam de um modelo hierárquico, com suas classes principais bem definidas, seguidas por suas divisões e posteriormente, suas subdivisões, mesmo aqueles que não usaram a CDD como inspiração, como a “Sete Epítomes” ou a CLC. Embora não haja tantos detalhes, é possível constatar que a CCL também possui características da CDD pelo modelo hierárquico de classes e suas subdivisões, mas que deve ser organizada de maneira distintas, uma vez que “Ciências” corresponde à classe 300, diferentemente do observado na CDD, NDC, KDC e CLC em que essa classe corresponde a “Ciências Sociais”.

Por fim, a categoria “aplicabilidade do sistema” demonstra que os sistemas nacionais possuem um alto índice de aderência nas bibliotecas de suas nações, com o apoio de bibliotecas nacionais e uma grande cooperação entre a comunidade bibliotecária, como observada sobre a KDC e NDC. Não foi possível examinar com certeza a relação entre os sistemas CLC e CCL e as bibliotecas chinesas nas bibliografias levantadas, mas acredita-se que, assim como as demais classificações, elas são de importância para a comunidade chinesa na organização de suas coleções pela priorização de características culturais de seu país, como observado na disposição de assuntos no Quadro 9.

Choi (2018), através de sua dissertação intitulada *Toward a Model of Intercultural Warrant: A Case of the Korean Decimal Classification's Cross-cultural Adaptation of the Dewey Decimal Classification*, proporciona resultados interessantes por meio da comparação entre a Classificação Decimal de Dewey e a Classificação Decimal Coreana. Segundo o pesquisador, o nível de especificidade das classes pode ser consequência das diferenças no desenvolvimento das disciplinas na Coreia do Sul e nos Estados Unidos.

A comparação entre os sistemas demonstra que a KDC possui mais números de divisões na classe principal 500 *Technology*, principalmente nos assuntos referentes à engenharia, que possui quatro divisões (530 *Engineering, technology etc.*; 550 *Mechanical engineering*; 560 *Electrical, comm. & electric engineering*; 570 *Chemical engineering*). Todavia, a CDD possui mais números na classe de Ciências Sociais, especialmente nos assuntos relacionados a problemas sociais, educação, direito e ciências políticas (Choi, 2018). Tais diferenças demonstram o contexto social de cada país.

Por sua vez a Classificação Decimal Nipônica (NDC), como demonstrado no Quadro 9, realizou mudanças na ordenação das classes principais em comparação a CDD, assim como também criou a classe principal 6 Indústria para assuntos relacionados a industrialização, como a divisão 640 voltada à *pecuária* ou 670 para o *comércio*.

Por fim, as classes principais e divisões da Classificação da Biblioteca Chinesa (CLC) estão resumidas no Quadro 10. A estrutura da classificação está baseada em diversos sistemas antigos pela prioridade de alguns assuntos e pelo modelo ideológico do Confucionismo, como a “Sete Epítomes” e as classificações da antiga União Soviética. A CLC é considerada uma tabela sistemática compilada de acordo com dois princípios, um ideológico e outro baseado em uma classificação científica (Zhang, 2003).

Segundo Zhang (2003), o primeiro princípio é a utilização de pensamentos do Marxismo, Leninismo, Mao Tsé-Tung como um guia ideológico, como apresentado no Quadro 11. O segundo princípio é a utilização de uma classificação científica e adoção de um processamento de estrutura lógica, do geral ao específico.

Quadro 10 - Primeira classe da CLC.

1. Marxismo, Leninismo, Mao Tsé-Tung e Teoria Deng Xiaoping (A)	A. Marxismo, Leninismo, Mao Tsé-Tung e Teoría de Deng Xiaoping
---	--

Fonte: Jia e Zhao (2015).

Embora haja críticas pela forte presença de uma ideologia política, a construção da CLC foi uma grande conquista para a área da biblioteconomia e ciência da informação na China do século XX, pois foi feito um esforço coletivo de bibliotecários, agências governamentais e da Biblioteca Nacional da China. A ampla adoção do sistema chinês também proporcionou uma padronização da língua chinesa na pesquisa e recuperação de informações (Zhang, 2003).

6.4 A cultura asiática na CDD

Esta seção tem como objetivo apresentar um breve panorama dos aspectos da cultura asiática na 23ª edição da Classificação Decimal de Dewey e discuti-los. A CDD apresenta suas classes principais da seguinte forma:

- 000 Generalidades
- 100 Filosofia e Psicologia
- 200 Religião
- 300 Ciências Sociais
- 400 Línguas
- 500 Ciências Naturais e Matemática
- 600 Tecnologia e Ciências Aplicadas
- 700 Artes
- 800 Literatura e Retórica
- 900 Geografia, História e Biografia

Na classe de **Generalidade**, que aborda assuntos sobre ciências da computação, informação e assuntos gerais, foi identificado que informações ligadas a Ásia estão classificados em “outras línguas” e “outras áreas geográficas”, como observado na subdivisão 030 *General Encyclopedias*, em que países asiáticos estão classificados em 039 *General encyclopedic works in other languages* ou na

subclasse 060 sobre *General organizations and museology*, em que estão classificados como 068 *general organizations in other geographic areas*.

A classe principal sobre **Filosofia e Psicologia** apresenta países asiáticos ou assuntos relacionados a essa cultura de forma semelhante a generalidades, uma vez que também os classifica como “outras normas éticas” e “lugares específicos”. A subclasse 180 é dedicada à filosofia antiga, medieval e oriental, mas apresenta os assuntos de forma geral. Em 181.1-181.9 aborda a *Philosophy of specific places* e classifica a China, Coréia e Japão em *Far East and South Asia*.

A classe 200 sobre **Religião** é dominada quase que completamente pela religião cristã. A Ásia é classificada apenas na subdivisão 275 *Christianity by specific continents, countries, localities in modern world*, pertencente a divisão 270 *History, geographic treatment, biography of Christianity*. Para outras religiões foi definida a subclasse 290 *Other religions*, na qual se encontram doutrinas praticadas na China, Coreia e Japão, como o Budismo em 294.4 *Religions of Indic origin*; e em 299.5 *Religions of East and Southeast Asian origin*, como o Confucionismo 299.512; Taoísmo 299.514; e Shinto 299.561. Outras religiões são classificadas em 299.57-299.59 como *Other religions of East and Southeast Asian origin*.

Ciências Sociais relaciona os assuntos de países asiáticos como “áreas específicas” e “continentes específicos”, como observado em 315 *General Statistics of Asia* da divisão 310 *Collections of General Statistics*. Na classe principal de **Linguagens**, os idiomas asiáticos são abordados na subdivisão 495 *Languages of east and southeast Asia*, com 495.1 Chinês; 495.6 Japonês; 495.7 Coreano. A classe 500 refere-se a **Ciências Naturais e Matemática**, na qual assuntos relacionados à Ásia estão sub-representados com apenas a notação 555 *Earth Sciences of Asia*. Para alguns assuntos, a CDD recomenda utilizar um número base juntamente à notação da Tabela 2 para alcançar especificidade, como em 578.07351 para *Collections of living plants and animals in China*.

A classe principal de **Tecnologia e Ciências Aplicadas** não aborda o assunto discutido, sendo observado apenas em 607.25 *Research in Asia*. Em **Artes** o continente asiático é relacionado pela primeira vez em 720.9 *History, geographic treatment, biography*, da divisão 720 *Architecture*. Em 722 *Architecture from earliest times to ca. 300*, os países China, Japão e Coreia recebem a classificação 722.1 *Ancient Chinese, Japanese, Korean architecture*. Em 726 *Buildings for religious and related purposes*, templos de religiões não-cristãs são classificadas em 726.1-726.3

Buildings associated with non-Christian religions e 726.9 *Other buildings for religious and related purposes*. Outras classificações são encontradas nos assuntos relacionados a 730 *Sculpture and related arts*, e sub representadas em 740 *Graphic and decorative arts* e 784 *Music*.

Em **Literatura e Retórica**, os países asiáticos estão classificados em 895 *Literatures of East and Southeast Asia*, com 895.1 para Literatura Chinesa; 895.6 Literatura Japonesa; 895.7 Literatura Coreana. Por fim, na classe principal **Geografia, História e Biografia**, a China é classificada em 931 *China in 420* na divisão 930 *History of ancient world to ca 499*. Em 950 *History of Asia*, assuntos relacionados a China são representados por 951 *China and adjacent areas* com 951.01-9511.06 para os períodos históricos, e a Coreia é subdividida com a notação 951.9; 951.93 para *North Korea (People's Democratic Republic of Korea)* e 951.95 para *South Korea (Republic of Korea)*. O Japão recebe a notação 952 - 952.051 2 para seus períodos históricos e particularidades.

Percebe-se que os assuntos relacionados à Ásia estão quase sempre relacionados ao termo “outros” na CDD e não são explorados como outras regiões e culturas, principalmente em comparação a América do Norte e Europa. Enquanto na classe principal 400, por exemplo, o Inglês e o Francês recebem uma subdivisão completa para o idioma, as linguagens da Ásia estão juntas em 495 *Languages of East and Southeast Asia* e sem grandes descrições ou diferenciações entre elas.

Quadro 11 - Relação de regiões na classe principal 400 Linguagens.

420 English & Old English	440 French & related languages	490 Other languages
421 English writing system & phonology	441 French writing systems & phonology	491 East Indo-European & Celtic languages
422 English etymology	442 French etymology	492 Afro-Asiatic languages
423 English dictionaries	443 French dictionaries	493 Non-Semitic Afro-Asiatic languages
424 [Unassigned]	444 [Unassigned]	494 Altaic, Uralic, Hyperborean & Dravidian
425 English grammar	445 French grammar	495 Languages of East & Southeast Asia
426 [Unassigned]	446 [Unassigned]	496 African languages

427 English language variations	447 French language variations	497 North American native languages
428 Standard English usage	448 Standard French usage	498 South American native languages
429 Old English	449 Occitan & Catalan	499 Austronesian & other languages

Fonte: elaborado pela autora.

Pela breve análise de aspectos asiáticos na Classificação Decimal de Dewey, percebe-se a limitação da representação de assuntos da cultura e conhecimento orientais, tornando assim um sistema difícil de ser aplicado nas bibliotecas chinesas, japonesas e coreanas por comprometer a acessibilidade de informações que os dizem respeito.

Os países China, Japão e Coreia são as nações asiáticas mais referenciadas no sistema. Embora representem o continente em virtude de sua considerável influência, há muitas particularidades entre si, indo de seus aspectos históricos, linguísticos, artísticos, políticos e culturais que são desconsiderados pelo sistema de classificação. Consequentemente, essa abordagem contribui com a visão discriminatória e generalizada ocidental sobre o Oriente.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das abordagens e definições discutidas neste trabalho, foi possível confirmar o pressuposto de que os sistemas de organização do conhecimento não são neutros. O contexto em que foram produzidos, bem como visões de mundo de seus desenvolvedores são transmitidos às classificações, afetam determinados grupos sociais e culturais. Os autores explorados na pesquisa também trouxeram conhecimentos sobre os sistemas bibliográficos asiáticos, permitindo o aprofundamento sobre o objeto de estudo, uma vez que esse tema ainda é pouco discutido.

O objetivo geral desta pesquisa foi examinar a influência sociocultural dos sistemas de classificação bibliográfica asiáticos, procurando compreender a representação de questões socioculturais do Leste Asiático que são oferecidas, com o foco nos países China, Coreia do Sul e Japão. Para atender a esse objetivo, procurou-se **a)** discutir a representação por um perspectiva sociocultural, **b)** aprofundar os conhecimentos sobre os sistemas asiáticos, **c)** analisar a cultura asiática na Classificação Decimal de Dewey, e **d)** sistematizar as possibilidades de representação que os sistemas asiáticos fornecem.

Por meio dos objetivos específicos, foi possível responder às perguntas de pesquisa: quais são os sistemas de classificação bibliográfica do Leste Asiático? O que a literatura ocidental diz a respeito dos sistemas de classificação asiáticos? Quais os tópicos abordados no Ocidente sobre os sistemas de classificação asiáticos? Qual a relevância da criação e manutenção de sistemas de classificação nacionais?

Observando-se a delimitação desta pesquisa, foi possível recuperar, por intermédio do periódico *Knowledge Organization*, oito artigos sobre o tema, sendo eles inclusive, escritos por pesquisadores asiáticos ou de ascendência asiática. Os sistemas de classificação bibliográfica do Leste Asiático que são estudados na literatura ocidental são os sistemas Classificação Decimal Nipônica (NDC), a Classificação Decimal Coreana (KDC) e três classificações chinesas: *New Classification Scheme for Chinese Libraries* (CCL), Classificação da Biblioteca Chinesa (CLC), e a Sete Epitomes.

Os estudos referentes a esses sistemas baseiam-se tanto em apresentar as classificações de modo mais amplo, incluindo suas histórias, motivações, fases de

construção e suas estruturas, como realizado por Oh (2002; 2012; 2018; 2021) sobre a KDC, e por Lee e Lan (2011) sobre a Sete Epitomes, quanto em comparar algumas classes de sistemas, como feito por Jia e Zhou (2015), Lee (2016) e Oh (2023) sobre a CLC, CCL e NDC.

A partir deles, nota-se que as classificações *New Classification Scheme for Chinese Libraries* (CCL), a Classificação da Biblioteca Chinesa (CLC), a Classificação Decimal Nipônica (NDC) e a Classificação Decimal Coreana (KDC), mesmo que elaboradas em épocas diferentes, compartilham de uma mesma motivação e objetivo. Por meio das discussões dos autores sobre as classificações, é possível compreender que a má representação fornecida por sistemas internacionalmente consolidados e a dificuldade da comunidade bibliotecária em utilizá-los para assuntos com facetas socioculturais, foram primordiais para a busca por soluções para a ineficiência desses sistemas em termos de suas faltas de conexão com a cultura asiática. Tais discussões realizadas permitiram atender aos objetivos **a** e **b** previamente definidos.

Atendendo ao objetivo **c**, a busca por quais os aspectos asiáticos representados na CDD e de que modo isso ocorre, demonstra que, mesmo que utilizado de forma abrangente, a Classificação Decimal de Dewey não é capaz de representar plenamente assuntos fora do contexto estadunidense e europeu. O uso do termo “outros”, como em “outros lugares”, “outros continentes” e “outras línguas”, torna-se um problema nas bibliotecas asiáticas, uma vez que, utilizando-se o referido sistema com rigor, grande parte de sua informação seria classificada com essa rubrica, além da falta de uma especificidade de assuntos tão comuns do dia a dia dos usuários e a generalização da cultura asiática, com a negligência quanto às particularidades de cada nação.

Cumprindo com o objetivo **d**, os resultados em relação aos sistemas demonstraram que suas características únicas possibilitam de serem plenamente aplicadas em suas respectivas nações. Isso pode ser observado pela presença de uma grande mudança em classes destinadas a religiões para a inclusão de outras crenças além do Cristianismo, como a presença de uma tabela específica para religiões no caso da Classificação Coreana. A presença de uma tabela sobre questões marítimas na Classificação Nipônica, bem como a uma forte ideologia política que abrange o contexto de produção e onde é aplicado, como a Sete

Epítomes ou a Classificação para Bibliotecas Chinesas, no caso chinês também oferecem maiores possibilidades de representação para suas questões culturais.

Ressalta-se a pouca quantidade de bibliografia produzida sobre temas relacionados à cultura oriental orientados para os problemas de representação em sistemas de classificação bibliográfica. A pouca variedade de artigos tornou-se, aliás, um ponto significativo de desafio para uma plena investigação a respeito do tema proposto. Entretanto, os objetivos propostos para este estudo foram contemplados. Recomenda-se que novas pesquisas sobre sistemas nacionais de classificação bibliográfica sejam realizadas, visando a compreensão de outras realidades e o aprofundamento crítico da área que se preocupa com o desenvolvimento e o uso de sistemas dessa natureza.

REFERÊNCIAS

- ALVARES, L. (org.). **Organização da informação e do conhecimento**: conceitos, subsídios interdisciplinares e aplicações. São Paulo: B4, 2012.
- ARAÚJO, P. C.; GUIMARÃES, J. A. C.; TENNIS, J. T. A concepção de epistemologia da organização do conhecimento. **Palavra Clabe**, La Plata, v. 10, n. 2, e120, p. 1-16, abr./sep. 2021.
- BALANCIERI, R. **Análise de redes de pesquisa em uma plataforma de gestão em ciência e tecnologia**: uma aplicação à Plataforma Lattes. 2004. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.
- BARBOSA, A. P. **Teoria e prática dos sistemas de classificação bibliográfica**. Rio de Janeiro: IBBD, 1969.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2003.
- BARITÉ, M. **Diccionario de Organización del Conocimiento**: Clasificación, Indización, Terminología. Montevideo: CSIC, 2015.
- BARITÉ, M. Organización del conocimiento: un nuevo marco teórico-conceptual en Bibliotecología y Documentación. *In*: CARRARA, K. (org.). **Educação, Universidade e Pesquisa**. Marília: Unesp-Marília-Publicações; São Paulo: FAPESP, 2001. p. 35-60
- BRASCHER, M.; CAFÉ, L. Organização da informação ou organização do conhecimento. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais [...]** São Paulo: USP, 2008.
- BU, S.; FAN, W. Chinese Library Classification (CLC). *In*: Encyclopedia of Knowledge Organization, 2017.
- CAFÉ, L.; SALES, R. Organização da informação: conceitos básicos e breve fundamentação teórica. *In*: ROBREDO, Jaime; BRASCHER, Marisa (org.). **Passeios pelo bosque da informação**: estudos sobre a representação e organização da informação e do conhecimento. Brasília: IBICT, 2010. cap.6.
- CARLAN, E. **Sistemas de organização do conhecimento**: uma reflexão no contexto da ciência da informação. Brasília, 2010. 195 f., il. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília.
- CHOI, I. **Toward a model of intercultural warrant**: a case of the Korean Decimal Classification cross-cultural adaptation of the Dewey Decimal Classification. Dissertation (Doctor of Philosophy in Information Studies) - University of Wisconsin-Milwaukee, Milwaukee, 2018.
- CHOI, I.; PARK, M. S. A cross-cultural comparison of medical science subject classification in the KDC and the DDC. **Advances in Classification Research Online**, p. 17-20, 2018.

CUNHA, M. B.; CAVALCANTI, C. R. O. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

DAHLBERG, I. Knowledge Organization: A New Science? **Knowledge Organization**, v. 33, n. 1, p. 11-19, 2006.

DAHLBERG, I. Knowledge organization: its scope and possibilities. **Knowledge Organization**, v. 20, n. 4, p. 211-222, 1993.

FUJIKURA, K. Nippon Decimal Classification (NDC). *In*: ISKO Encyclopedia of Knowledge Organization, 2020.

GARCIA MARCO, F. J. Avances en Organización del Conocimiento en España: los II Encuentros sobre Organización del Conocimiento en sistemas de información y documentación. *In*: GARCIA MARCO, F. J. (coord.). **Organización del conocimiento en sistemas de información y documentación 2: actas del II Encuentro de ISKO-España, 1995**, Getafe. Zaragoza: Librería General, 1997.

HJØRLAND, B. What is Knowledge Organization (KO)? **Knowledge Organization**, v. 35, n. 2-3, p. 86-101, 2008.

HODGE, G. **Systems of knowledge organization for digital libraries: beyond traditional authority files**. Washington: Council on Library and Information Resources, 2000.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. Zahar, 2001.

JIA, J.; ZHOU, J. Mapping Analysis of Pre-coordinated Classes in DDC and CLC. **Knowledge Organization**, v. 2, n. 6, p. 369-385. 2015.

LE COADIC, Y. F. **A ciência da informação**. Briquet de Lemos, 2004.

LEE, H. L.; LAN, W. C. Proclaiming Intellectual Authority Through Classification: The Case of the Seven Epitomes. **Knowledge Organization**, v. 38, n. 1, p. 25-42. 2011.

LEE, W; C. An Exploratory Study of the Subject Ontogeny of Eugenics in the New Classification Scheme for Chinese Libraries and the Nippon Decimal Classification. **Knowledge Organization**, v. 43, n. 8, p. 594-608. 2016.

LEE, W. C. Culture and Classification: An Introduction to Thinking about Ethical Issues of Adopting Global Classification Standards to Local Environments. **Knowledge Organization**, v. 42, n. 5, 2015.

LIMA, G. A. B. O. Organização do conhecimento: pesquisa e desenvolvimento. *In*: GUIMARÃES, José Augusto C.; DODEBEI, Vera Lúcia D. L. M. (org.). **Organização do conhecimento e diversidade cultural**. Marília: ISKO-Brasil, 2015. p. 670-687.

LIMA, J. L. O.; ALVARES, L. Organização e representação da informação e do conhecimento. *In*: ALVARES, L. (Org.). **Organização da informação e do conhecimento: conceitos, subsídios interdisciplinares e aplicações**. São Paulo: B4 Editores, 2012. p. 21-48.

MARTINS, A. A. **Mediação: reflexões no campo da Ciência da Informação**. 253f. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciência da

Informação. Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. 2010.

MITCHELL, J. S. *et al.* **Dewey Decimal Classification and Relative Index**. 23 ed. Dublin: OCLC, 2011.

MOREIRA, W. **Sistemas de organização do conhecimento**: aspectos teóricos, conceituais e metodológicos. 2018. 164 f. Tese (livre-docência) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, 2018.

NOVELLINO, M. S. F. Instrumentos e metodologias de representação da informação. **Informação & Informação**, v. 1, n. 2, p. 37–45, 1996. DOI: 10.5433/1981-8920.1996v1n2p37.

NUNES, L.; TÁLAMO, M. F. G. M. Da Filosofia da Classificação à Classificação Bibliográfica. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 7, n. 1, p. 30-48, 2009.

OH, D.G. Comparative Analysis of National Classification Systems: Cases of Korean Decimal Classification (KDC) and National Decimal Classification (NDC). **Knowledge Organization**, v. 50, n. 2, p. 83-98, 2023.

OH, D.G. Korean Decimal Classification (KDC): its history, development, characteristics, and future prospects. **Knowledge Organization**, v. 48, n. 3, p. 248-262, 2021.

OH, D. G. Developing and Maintaining a National Classification System, Experience from Korean Decimal Classification. **Knowledge Organization**, v. 2, n. 39, p. 72-82, set. 2012.

OH, D. G. Revision of the National Classification System through Cooperative Efforts: A Case of Korean Decimal Classification 6th Edition (KDC 6). **Knowledge Organization**, v. 45, n. 7, 2018.

OH, D.G.; YEO, J. S. Suggesting an Option for DDC Class Religion (200) for Nations in which Religious Diversity Predominates. **Knowledge Organization**, v.28, n. 2, p. 75-84. 2001.

PIEADADE, M. A. R. **Introdução à teoria da classificação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 1977.

POMBO, O. Da classificação dos seres à classificação dos saberes. **Leituras**: Revista da Biblioteca Nacional de Lisboa, n. 2, p. 19–33, 1998.

SCHIESSL, M; SHINTAKU, M. Sistemas de Organização do Conhecimento. In: ALVARES, L. (org.). **Organização da informação e do conhecimento**: conceitos, subsídios interdisciplinares e aplicações. São Paulo: B4 Editores, 2012. P. 49-118.

SILVA, L. C.; ARAÚJO, V. P. M. M. Sistemas de classificação bibliográfica e a recuperação da informação: qual o nível de satisfação do usuário neste processo? In: XVIII Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, 18., 2014. Anais [...], 2014.

SILVA, A. H.; FOSSÁ, M. I. T. Análise de Conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **Qualitas Revista Eletrônica**, Campina Grande, v.17, n. 1, p. 1-14, 2015.

SIMÕES, M. G. **Classificações bibliográficas**: percurso de uma teoria. Coimbra: Almedina, 2011.

SMIRAGLIA, R. P. **The Elements of Knowledge Organization**. Springer, 2014. p. 100.

SUKIASYAN, E. R. Two national classification systems – of the People's Republic of China and the Republic of Korea. **Scientific and Technical Libraries**. n. 12, p. 143-158. 2020.

WILSON, T. D. A problemática da gestão do conhecimento. *In*: TARAPANOFF, K. (org.). **Inteligência, informação e conhecimento em corporações**. Brasília: IBICT; UNESCO, p.37-55. 2006.

ZENG, M. L. Knowledge Organization Systems (KOS). **Knowledge Organization**, v. 35, n. 2-3, p. 160-182, 2008. <http://dx.doi.org/10.5771/0943-7444-2008-2-3-160>.

ZHANG, W. Classification for Chinese Libraries (CCL): Histories, Accomplishments, Problems and Its Comparisons. **Journal of Educational Media & Library Sciences**, v. 1, n. 1, p. 1-22. 2003.